

Enquadramento mediático da Crise do Sudão do Sul uma análise comparativa de conteúdo do New York Times, The Guardian e Al Jazeera (2011-2024)

Bruna Seixas Riscado

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Relações Internacionais
2º ciclo de estudos

Orientador: Prof. Doutor Ricardo Real Pedrosa de Sousa

Outubro, de 2024

Declaração de Integridade

Eu, Bruna Seixas Riscado, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição M13396 de/o Relações Internacionais da Faculdade da Beira Interior, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referência de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 13 /10 /2025

Bruna Seixas Riscado

(assinatura conforme Cartão de Cidadão ou preferencialmente
assinatura digital no documento original se naquele mesmo formato)

Agradecimentos

Concluir esta dissertação é, antes de tudo, um testemunho do suporte, da paciência e do carinho de várias pessoas que estiveram ao meu lado durante toda esta jornada.

Estou profundamente grata à minha família, que sempre confiou em mim, mesmo quando eu duvidava de mim mesma. Aos meus pais, a minha mais sincera gratidão por todo o amor, sacrifício e força que me proporcionaram, por nunca permitirem que eu desistisse e por estarem sempre ao meu lado, em cada vitória e em cada desafio.

Aos meus amigos, agradeço por me recordarem, inúmeras vezes, que a jornada é mais leve quando é compartilhada. Pelas palavras encorajadoras, pelas risadas nos momentos apropriados e pelo entendimento nos períodos de silêncio.

Também gostaria de expressar a minha sincera gratidão ao Professor Ricardo Real, o meu orientador, pela orientação cuidadosa, paciência e ensinamentos que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. A sua disponibilidade e confiança foram fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação.

Ao Professor João Terrenas, expresse também a minha gratidão pela inspiração, pelas ideias compartilhadas e pelo suporte durante a minha trajetória acadêmica.

A todos os que, de alguma forma, fizeram parte desta caminhada o meu mais sentido obrigada.

Resumo

O presente estudo analisa o enquadramento mediático da crise no Sudão do Sul entre 2011 e 2024, a partir de uma perspectiva comparativa da cobertura jornalística internacional nos jornais *The New York Times*, *The Guardian* e *Al Jazeera*. O objetivo central consiste em compreender como estas três publicações de referência retratam o conflito e de que forma a construção narrativa contribui para a percepção global desta crise humanitária prolongada. A escolha do Sudão do Sul como objeto de estudo justifica-se pela sua relevância geopolítica e pelo contraste entre a gravidade da situação humanitária e a escassa atenção mediática que recebe.

Desde a independência em 2011, o Sudão do Sul enfrenta uma guerra civil marcada por violência étnica, deslocamentos em massa, insegurança alimentar e violações sistemáticas dos direitos humanos (ACNUR, 2024; FAO, 2023). Apesar de o país representar uma das emergências humanitárias mais graves da atualidade, a cobertura mediática internacional tem sido irregular e desproporcional quando comparada a outras crises de maior visibilidade (Mamdani, 2009). Esta desigualdade informativa confirma a tese de Philo (2013), que identifica uma hierarquização estrutural das crises nos meios de comunicação internacionais, onde determinados conflitos são amplamente mediatizados enquanto outros permanecem na periferia da atenção global.

A investigação utiliza o método de análise de conteúdo qualitativo (Bufrem, 2018), aplicado a um conjunto de artigos publicados entre 2011 e 2024 nos três jornais selecionados. Através da análise de padrões narrativos, categorias temáticas e frequências de enquadramento, foram identificados três eixos principais: o enquadramento humanitário, o enquadramento securitário e o enquadramento político-diplomático (Entman, 2004). O primeiro domina amplamente o discurso mediático, centrando-se na vitimização civil, na fome e na desagregação social. O segundo surge associado ao risco de desestabilização regional e à ameaça que a crise representa para a segurança internacional (Livingston, 1997). Já o enquadramento político-diplomático, embora presente, aparece de forma intermitente e subordinada às narrativas anteriores (Thussu, 2003).

Os resultados indicam que o *The New York Times* tende a privilegiar uma narrativa de carácter humanitário e dramatizado, destacando massacres,

deslocamentos e sofrimento humano, mas sem continuidade ao longo do tempo (Kulish, 2013; Dahir, 2023).

O *The Guardian* adota uma abordagem visualmente expressiva, reforçando o impacto emocional das imagens de fome e deslocamento, enquanto a *Al Jazeera* tende a integrar perspectivas regionais e políticas mais amplas, contextualizando o conflito nas dinâmicas pós-coloniais africanas e nas tensões geopolíticas globais. Apesar destas diferenças, observa-se um padrão comum de representação do Sudão do Sul como um “Estado frágil”, carente de agência e dependente da intervenção internacional uma leitura que ecoa as críticas de Mamdani (2009) e Jok (2011) à narrativa ocidental sobre África.

Complementarmente, as noções de *CNN Effect* (Gilboa, 2005; Livingston, 1997) ajudam a compreender como a visibilidade mediática pode influenciar a agenda internacional e pressionar a intervenção de governos e organizações. Contudo, a análise confirma que a atenção mediática segue um padrão cíclico de dramatização episódica e subsequente esquecimento, o que reduz a eficácia desse potencial transformador.

A ausência de vozes locais e a dependência de fontes internacionais constituem uma das principais limitações da cobertura. A comunicação social raramente incorpora testemunhos diretos de atores sul-sudaneses, perpetuando uma visão externalizada e paternalista da crise. Além disso, o foco reiterado em imagens de sofrimento e dependência reforça estereótipos sobre o continente africano, obscurecendo iniciativas de resiliência e reconstrução interna (Johnson, 2016). Esta tendência levanta questões éticas sobre o papel da comunicação social na produção de conhecimento e na representação das relações Norte-Sul.

Em termos acadêmicos, esta dissertação contribui para o campo das Relações Internacionais ao integrar a análise mediática numa leitura crítica das dinâmicas humanitárias e políticas globais. No plano prático, os resultados alertam jornalistas, decisores e organizações internacionais para a importância de promover uma cobertura mais equilibrada, contextualizada e inclusiva (Philo, 2013). A media internacional, ao atuar como mediadora entre o conflito e o público global, tem a responsabilidade de não apenas informar, mas também de educar e mobilizar para uma resposta mais ética e eficaz às crises humanitárias contemporâneas.

Em síntese, o estudo conclui que o enquadramento mediático da crise no Sudão do Sul é marcado pela predominância das narrativas humanitária e securitária, pela invisibilidade das perspectivas locais e pela cobertura intermitente que reforça a

percepção do país como um espaço de vulnerabilidade permanente. A reflexão final sublinha, assim, a urgência de repensar as práticas de representação mediática para que contribuam efetivamente para uma justiça informativa e para a construção de uma compreensão mais profunda e equilibrada dos conflitos africanos.

Palavras-chave

Crise no Sudão do Sul; Comunicação social internacional; Enquadramento mediático; Análise de conteúdo; Framing; Cobertura jornalística comparativa; Media e Relações Internacionais.

Abstract

This study analyses the media framing of the South Sudan crisis between 2011 and 2024 from a comparative perspective of international journalistic coverage in *The New York Times*, *The Guardian*, and *Al Jazeera*. The central objective is to understand how these three leading publications portray the conflict and how their narrative construction contributes to the global perception of this prolonged humanitarian crisis. The choice of South Sudan as the subject of study is justified by its geopolitical relevance and by the contrast between the gravity of the humanitarian situation and the limited media attention it receives.

Since independence in 2011, South Sudan has faced a civil war marked by ethnic violence, mass displacement, food insecurity, and systematic violations of human rights (UNHCR, 2024; FAO, 2023). Despite being one of the most severe humanitarian emergencies of our time, international media coverage has been irregular and disproportionate compared to other, more visible crises (Mamdani, 2009). This imbalance in coverage confirms Philo's (2013) thesis, which identifies a structural hierarchy in the international media's treatment of crises, where some conflicts receive extensive attention while others remain on the periphery of global awareness.

The research employs a qualitative content analysis method (Leilah Santiago Bufrem, 2018), applied to a selection of articles published between 2011 and 2024 in the three newspapers under study. Through the analysis of narrative patterns, thematic categories, and framing frequencies, three main axes were identified: the humanitarian frame, the security frame, and the political-diplomatic frame (Entman, 2004). The first dominates the media discourse, focusing on civilian victimisation, hunger, and social disintegration. The second is linked to regional destabilisation risks and the threat the crisis poses to international security (Livingston, 1997). The third, although present, appears intermittently and is often subordinated to the previous narratives (Thussu, 2003).

The results indicate that *The New York Times* tends to privilege a humanitarian and dramatized narrative, highlighting massacres, displacement, and human suffering, though lacking continuity over time (Kulish, 2013; Dahir, 2023). *The Guardian* adopts a visually expressive approach, reinforcing the emotional impact of images of famine and displacement, while *Al Jazeera* integrates broader regional and political perspectives, contextualising the conflict within African postcolonial dynamics and

global geopolitical tensions. Despite these differences, a common pattern emerges — the representation of South Sudan as a “fragile state”, lacking agency and dependent on international intervention — a view that echoes the critiques of Mamdani (2009) and Jok (2011) regarding Western narratives on Africa.

Furthermore, the concepts of the *CNN Effect* (Gilboa, 2005; Livingston, 1997) help to explain how media visibility can influence the international agenda and pressure governments and organisations to intervene. However, the analysis confirms that media attention follows a cyclical pattern of episodic dramatization followed by neglect, reducing the transformative potential of such coverage.

The absence of local voices and the dependence on international sources constitute one of the main limitations of this coverage. The media rarely incorporates direct testimonies from South Sudanese actors, perpetuating an externalised and paternalistic view of the crisis. Moreover, the persistent focus on images of suffering and dependency reinforces stereotypes about the African continent, obscuring stories of resilience and internal reconstruction (Johnson, 2016). This tendency raises ethical questions about the role of the media in knowledge production and the representation of North–South relations.

From an academic perspective, this dissertation contributes to the field of International Relations by integrating media analysis into a critical reading of humanitarian and political dynamics. On a practical level, the findings alert journalists, policymakers, and international organisations to the importance of promoting more balanced, contextualised, and inclusive coverage (Philo, 2013). The international media, as an intermediary between conflict and the global public, bears the responsibility not only to inform but also to educate and mobilise towards a more ethical and effective response to contemporary humanitarian crises.

In conclusion, the study finds that the media framing of the South Sudan crisis is marked by the predominance of humanitarian and security narratives, by the invisibility of local perspectives, and by intermittent coverage that reinforces the perception of the country as a space of permanent vulnerability. The final reflection thus highlights the urgency of rethinking media representation practices so that they may effectively contribute to informational justice and to a deeper and more balanced understanding of African conflicts.

Keywords

South Sudan crisis; International media communication; Media framing; Content analysis; Framing; Comparative journalistic coverage; Media and International Relations.

Índice

Agradecimentos	v
Resumo	vii
Abstract	xi
Lista de Acrónimos	xvii
Capítulo 1- Introdução	1
1.1 Justificação do Tema	3
1.2 Objetivos e Perguntas de investigação	5
1.3 Estrutura da dissertação	6
Capítulo 2- Enquadramento: O Sudão do Sul	8
2.1 Análise histórica	8
2.2 Análise das consequências humanitárias da Crise	10
2.3 Análise da resposta internacional à Crise	12
Capítulo 3- Enquadramento teórico, conceptual e metodológico	16
3.1 A comunicação social e os conflitos internacionais	16
3.2 Conceitos operacionais	18
3.3 Estratégias de Comunicação para a Mobilização de respostas humanitárias em Situações de Crise	22
3.4 Análise de conteúdo	24
4. Resultados: o retrato do Sudão do Sul nas notícias internacionais	25
4.1 New York Times	25
4.2 The Guardian	29
4.3 Al Jazeera	33
5. Discussão	36
6. Conclusão	38
Referências	40

Lista de Acrónimos

ONU	Organização das Nações Unidas
ACNUR	Alto-comissário das Nações Unidas para os Refugiados
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
ONU	Organizações não governamentais
OCHA	Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários
SPLM	Sudan People's Liberation Movement
SBCC	Social and Behavior Change Communication

Capítulo 1- Introdução

Segundo McLuhan (1964), os meios de comunicação não se restringem à disseminação de informações, mas também influenciam a maneira como percebemos o mundo, afetando as políticas públicas. De acordo com Entman (2004), a forma como as crises humanitárias são enquadradas na comunicação social pode ter um impacto significativo nas reações políticas e diplomáticas. A influência dos meios de comunicação na percepção pública e na elaboração de políticas é particularmente significativa em situações de crise humanitária, onde a exposição na comunicação social pode direcionar a atenção e a mobilização global. A situação no Sudão do Sul, caracterizada por desafios complexos e de grande magnitude, ilustra claramente essa dinâmica, pois a maneira como é apresentada nos meios de comunicação internacionais impacta diretamente o auxílio humanitário e a procura por ações políticas. Com isto, a comunicação social é fundamental para estabelecer agendas políticas e humanitárias de forma a mudar a opinião pública. Contudo, é possível verificar uma grande diferença na quantidade de atenção dada a várias crises humanitárias (Philo, 2013).

Segundo McLuhan (1964), a comunicação social não se limita só a transmitir informações, mas também influencia a nossa compreensão e interação com o mundo. A falta de uma base sólida pode resultar em uma mobilização de recursos imprópria, influenciando tanto a política governamental quanto a percepção do público. Nesse cenário, a comunicação social tem um papel fundamental. A maneira como os meios de comunicação apresentam esta crise pode impactar diretamente a percepção do público e as ações políticas em todo o mundo. A falta de uma cobertura sólida também impacta a construção de uma opinião pública esclarecida, crucial para pressionar as autoridades governamentais a intervir em crises humanitárias (Livingston, 1997).

A decisão de concentrar este estudo na crise do Sudão do Sul deve-se ao facto da sua importância humanitária e pelas consequências para a política externa. Apesar da relevância geopolítica e do impacto humanitário, o Sudão do Sul recebe uma atenção significativamente menor em relação a outras crises, como as do Afeganistão ou da Síria (Mamdani, 2009). De acordo com Entman (2004), a maneira como os meios de comunicação enquadram um evento específico influencia significativamente a maneira como esse evento é visto e discutido pelo público. Posto isto, o objetivo deste estudo é examinar a maneira como diversos meios de comunicação social, como o jornal *The New York Times*, *The Guardian* e *Al Jazeera* têm tratado o conflito no Sudão do Sul.

Entender a forma como estes abordam esta crise é crucial para avaliar a função dos meios de comunicação nas decisões políticas e na obtenção de suporte internacional.

Para isto ser possível, a primeira abordagem metodológica que irei utilizar para a realização da dissertação é a revisão da literatura. Este método é essencial para contextualizar e fundamentar teoricamente a crise no Sudão do Sul, a cobertura da crise humanitária nos meios de comunicação internacionais e como isso afeta as visões e respostas públicas e políticas. Esta revisão de literatura irá conter livros, artigos acadêmicos e teses relacionadas com o assunto para que possa analisar os pontos necessários para realizar o trabalho (Editorial, 2020).

Para construir uma base teórica sólida e contextualizar a pesquisa, é fundamental fazer uma revisão da literatura, pois esta permite uma melhor compreensão do tema e das linhas de investigação que têm sido adotadas para estudar o mesmo.

Esta técnica envolverá a análise de reportagens, documentários e notícias transmitidas por meios de comunicação internacionais, como o *The New York Times*, *The Guardian* e *Al Jazeera*. O foco será observar como a crise no Sudão do Sul é abordada por esses diferentes meios de comunicação, identificando as estratégias de enquadramento utilizadas. O objetivo é entender como os meios de comunicação retratam o conflito, destacando padrões, diferenças e semelhanças nas formas de cobertura.

O objetivo é identificar padrões e diferenças na maneira como esta crise é divulgada ao público, tendo em conta três critérios fundamentais, o tipo de cobertura, a sua extensão e duração, e a sua abrangência temática. As notícias serão consideradas positivas se ressaltarem soluções e iniciativas humanitárias, ou negativas se focarem em aspetos de violência, caos e desespero. A extensão da cobertura será avaliada pela quantidade de notícias e reportagens divulgadas, enquanto a duração será verificada pela distribuição temporal, observando se a crise no Sudão do Sul recebe atenção constante ou apenas ocasional. Por último, a extensão será avaliada com base na variedade de temas presentes na cobertura, examinando se os jornais tratam apenas da dimensão humanitária e da violência ou se incorporam também elementos políticos, diplomáticos, económicos e sociais.

1.1 Justificação do Tema

As Relações Internacionais são constantemente influenciadas e moldadas pela cobertura dos meios de comunicação de crises humanitárias, exemplo disso é a Crise do Sudão do Sul, resultado do crescimento das plataformas digitais e à intensa interconexão global. Os meios de comunicação são essenciais para a disseminação de informações e a formação de opiniões públicas, são também uma ferramenta crucial para compreender e resolver problemas complexos que ocorrem em todo o mundo (Philo, 2013).

A crise no Sudão do Sul não é apenas uma tragédia humanitária local, mas também uma questão de importância mundial devido à insegurança alimentar, conflitos violentos e deslocamentos em massa (ONU, 2023). A cobertura dos media desta crise é crucial para informar o público internacional sobre os problemas que o país e a sua população enfrentam. Isto também permite que a comunidade internacional seja informada e envolvida nos problemas humanitários e de segurança em todo o mundo (Livingston, 1997). Além disso, a atenção dos meios de comunicação tem o potencial de mobilizar recursos humanos, financeiros e logísticos de governos, organizações internacionais, ONGs e indivíduos para ajudar a aliviar o sofrimento humano e promover a reconstrução e o desenvolvimento no Sudão do Sul (Livingston, 1997).

A comunicação social tem um impacto significativo nas políticas externas de nações e organizações internacionais pois pode ajudar a aumentar a pressão diplomática para encontrar soluções pacíficas e duradouras para os conflitos, de forma a promover a estabilidade da região. Além disso, a cobertura dos meios de comunicação eficaz do conflito pode contribuir para promover a paz, segurança e estabilidade se esta encorajar o diálogo, a negociação e a resolução pacífica de conflitos, pois ajuda a expor violações dos direitos humanos e práticas prejudiciais, ou seja, a comunicação social desempenha um papel crucial no monitoramento da execução de acordos de paz e na prestação das partes envolvidas no conflito (Livingston, 1997).

A cobertura da crise do Sudão do Sul, nos meios de comunicação, pode fortalecer as relações internacionais e promover a cooperação entre nações. Destacar os esforços de ajuda humanitária, os esforços diplomáticos e as intervenções de organizações internacionais promovem a solidariedade e a cooperação entre os Estados para enfrentar os desafios que são compartilhados. Esta cobertura tem o potencial de promover valores e padrões internacionais como direitos humanos, democracia, boa

governança e estado de direito, impulsionando o respeito por esses princípios na região e em todo o mundo (Gilboa, 2005). Esta também ajuda a incluir vozes locais, a promover a cooperação internacional e fortalecer instituições globais, ou seja, os meios de comunicação têm o poder de transmitir as vozes de líderes comunitários, ativistas e vítimas no Sudão do Sul, garantindo que as suas necessidades e perspectivas sejam levadas em consideração nas discussões internacionais e nas decisões políticas. A atenção mediática pode fazer com que os atores envolvidos na crise, incluindo governos, grupos armados e organizações internacionais, se responsabilizem e sejam transparentes, o que ajuda a reduzir a corrupção e garantir que a ajuda humanitária chegue aos que realmente precisam dela (Thussu, 2003).

Exposto isto, os media têm o potencial de informar e educar o público em geral sobre as complicações do conflito no Sudão do Sul, aumentando a compreensão e o apoio público aos esforços de paz e desenvolvimento. A mobilização de recursos pode ser acelerada promovendo a ação humanitária por meio de campanhas que enfatizem a necessidade urgente de assistência. Fornece ainda uma documentação histórica dos acontecimentos e das circunstâncias no Sudão do Sul, que por sua vez pode ser usada para pesquisas, educação e desenvolvimento de políticas no futuro (Entman, 2004).

Portanto, o foco principal recai sobre a seleção e a função da comunicação social no cenário internacional. Inicialmente, é clara a importância de entender como os meios de comunicação moldam a percepção do público e impactam respostas políticas e humanitárias em crises mundiais. Um caso emblemático é a gestão da crise no Sudão do Sul, uma das mais graves crises humanitárias do momento, marcada por conflitos internos, grave insegurança alimentar e deslocamentos compulsórios.

Tal como o autor José Tengarrinha afirmou:

Prefere-se cada vez mais a informação objectiva à discussão e à opinião, as notícias sensacionais aos editoriais reflectidos. Na necessidade de encontrar um público mais largo, o jornal procura manter uma atitude imparcialmente objectiva, dirigindo-se assim a todos, e não a um grupo de leitores ideologicamente afins, necessariamente muito mais restrito (Tengarrinha, cit in. Pina, 2017, p.136).

Contudo, a cobertura dos meios de comunicação internacionais sobre esta crise ainda tem grandes lacunas, principalmente quando comparada a outras crises amplamente divulgadas, como as do Afeganistão ou Síria. A ausência de uma perspectiva equilibrada e completa resulta na formação de opiniões públicas

frequentemente desinformadas, afetando de forma negativa a mobilização de recursos e as políticas do governo. Ademais, a forma como veículos de comunicação, tais como *The New York Times*, *The Guardian* e *Al Jazeera*, retratam os acontecimentos no Sudão do Sul demonstra como narrativas particulares podem influenciar tanto a percepção do público quanto as medidas políticas e humanitárias.

É amplamente reconhecido que uma comunicação social ética e responsável é crucial para combater a desinformação e fomentar uma compreensão mais acurada e empática das crises globais. Isso torna-se especialmente crucial em situações como a do Sudão do Sul, onde a cobertura da mídia não só fornece informações, mas também orienta a atenção mundial e impacta a ação conjunta.

Em última análise, ao lidar com crises globais, como a do Sudão do Sul, os meios de comunicação desempenham um papel crucial na verificação de fatos e na disseminação de informações precisas. Portanto, é fundamental examinar e comparar as coberturas jornalísticas de diversos veículos para identificar os enquadramentos empregados e entender como eles influenciam a representação internacional da crise. A defesa de uma mídia autônoma e de uma educação de mídia sólida continua a ser um pilar fundamental para garantir uma cobertura mais equilibrada e informativa.

1.2 Objetivos e Perguntas de investigação

Relativamente ao tema desta dissertação, "Enquadramento Mediático da Crise no Sudão do Sul: Análise comparativa de conteúdo do *The New York Times*, *The Guardian* e *Al Jazeera* (2011-2024)" é o tema que irei abordar. A questão principal da investigação é: "Como a comunicação social internacional retrata a crise humanitária no Sudão do Sul".

A crise no Sudão do Sul, uma das maiores crises humanitárias contemporâneas, é marcada por uma rede intrincada de deslocamentos em larga escala, insegurança alimentar severa e confrontos violentos. No entanto, o foco dado a esta crise pelos meios de comunicação globais varia bastante.

O objetivo deste estudo é examinar como os meios de comunicação internacionais, especialmente *The New York Times*, *The Guardian* e *Al Jazeera*, têm coberto a crise no Sudão do Sul, por meio da análise dos enquadramentos mediáticos empregados. O objetivo principal é entender como essas narrativas jornalísticas criam

representações da crise, afetando a atenção global dada ao contexto humanitário do país.

A cobertura da crise no Sudão do Sul evidencia diferenças notáveis em relação à atenção e à continuidade, o que contribui para a escassa visibilidade na agenda internacional. A falta de uma narrativa sólida e coerente pode criar lacunas na compreensão global da crise, mantendo uma visão restrita sobre a gravidade do problema. Essa disparidade na cobertura pode ser atribuída a vários fatores, como a falta de interesse geoestratégico das potências ocidentais na região, a ausência de recursos naturais de alto valor económico imediato, os desafios logísticos para ter informações no local e a competição com outros assuntos que costumam ocupar o centro das atenções na media global.

Desta forma, este estudo procura contribuir para um entendimento mais aprofundado das dinâmicas mediáticas que influenciam a representação da crise no Sudão do Sul, além de refletir sobre a relevância de fomentar uma cobertura mais justa e informativa das crises humanitárias no cenário internacional.

Por outro lado, em relação aos objetivos específicos estes são:

- Identificar os fatores que contribuem para a desigualdade na cobertura dos meios de comunicação, como interesses políticos ou geográficos;
- Determinar a extensão, volume de artigo, e a duração, distribuição temporal, da cobertura nos três jornais.;
- Analisar as semelhanças e diferenças nos padrões de enquadramento e cobertura entre os três jornais.

1.3 Estrutura da dissertação

A dissertação é estruturada em seis capítulos principais, que seguem uma sequência lógica para responder às questões de pesquisa e atingir as metas estabelecidas. O capítulo inicial, Introdução, destaca a importância do assunto, os propósitos e as perguntas de pesquisa. Adicionalmente, contextualiza sucintamente o

objeto de estudo e detalha a estrutura do trabalho, proporcionando uma perspectiva geral do caminho a ser percorrido.

O capítulo dois, Enquadramento, trata da avaliação do cenário do país, subdividido em quatro seções. Na primeira parte, realiza-se um estudo histórico que investiga os conflitos internos e externos que formaram o Sudão do Sul. A segunda seção trata do período após a independência, ressaltando os obstáculos políticos e sociais que o país teve de superar.

A terceira examina as repercussões humanitárias da crise, incluindo deslocamentos internos, falta de alimentos e infrações nos direitos humanos. Em última análise, na quarta subseção, a resposta internacional à crise é avaliada, incluindo ações humanitárias e diplomáticas.

O capítulo três, Fundamentação teórica, conceitual e metodológica, baseia a pesquisa em três fundamentos. Inicialmente, investiga a conexão entre a comunicação social e os conflitos globais, fundamentado na literatura pertinente. Depois, introduz conceitos fundamentais como framing, esclarecendo como os enquadramentos mediáticos afetam a percepção do público. Também se discutem as táticas de comunicação para a mobilização de respostas a crises humanitárias, ressaltando a relevância de uma comunicação eficiente. Adicionalmente, este capítulo explica as metodologias empregues, como a comparação de métodos e a análise de conteúdo, justificando a seleção de três jornais internacionais (The New York Times, The Guardian e Al Jazeera) para a pesquisa.

O quarto capítulo, Resultados: O Retrato do Sudão do Sul nas notícias internacionais, apresenta as informações recolhidas e examinadas para compreender a maneira como o Sudão do Sul é apresentado nos três jornais escolhidos. Este capítulo é dividido em três seções, cada uma focada na análise de um jornal específico, possibilitando a detecção de padrões, discrepâncias e similaridades nas narrativas da comunicação social. No capítulo cinco, intitulado Discussão, os resultados apresentados no capítulo anterior são analisados à luz da revisão bibliográfica e dos propósitos da pesquisa.

Por fim, o sexto capítulo, Conclusão, sintetiza as descobertas mais significativas da pesquisa, reflete sobre as consequências teóricas e práticas, além de indicar restrições e propostas para estudos futuros. Este capítulo enfatiza a necessidade de um tratamento mediático mais equilibrada para assegurar uma resposta internacional mais eficiente e igualitária às crises humanitárias.

Capítulo 2- Enquadramento: O Sudão do Sul

2.1 Análise histórica

O Sudão do Sul, situado na África Ocidental, tem uma história cheia de dificuldades políticas, económicas e sociais, marcada por conflitos violentos e uma luta constante pela paz e estabilidade. No século XIX esta região foi colonizada pelo Egito e depois pela Grã-Bretanha, o que provocou conflitos étnicos e políticos que afetaram profundamente o país mesmo após a sua independência de 1956 (Leonardi, 2010). Após a independência, a 9 de julho de 2011, o Sudão enfrentou conflitos internos entre o governo central e as regiões periféricas, frequentemente marginalizadas. As guerras civis, alimentadas por problemas étnicos, culturais e religiosos, tornaram-se uma constante na história do país.

Os conflitos no Sudão do Sul têm várias causas interligadas. A marginalização política e económica do Sul, que resultou na exclusão das regiões de cargos públicos, investimentos e serviços básicos, foi um fator importante no confronto com o Norte, que culminou nas duas guerras civis de 1955 a 1972 e 1983 a 2005 (Johnson, 2003; Leonardi, 2010). As diferenças étnicas e religiosas também tiveram um papel importante pois o Sul era principalmente cristão e animista, enquanto o Norte era maioritariamente muçulmano, o que causou tensões identitárias e resistência cultural (Young, 2006). Ademais, a competição por recursos naturais e territórios estratégicos, como regiões petrolíferas e terras férteis, agravou os conflitos, transformando-os em confrontos não só políticos, mas também económicos (Collins, 2008).

Após a independência em 2011, surgiram conflitos internos que evidenciam a continuidade de questões estruturais. A disputa pelo controlo do governo central e a distribuição de poder e recursos intensificaram as rivalidades políticas e étnicas, particularmente entre os grupos Dinka e Nuer (Leonardi, 2010; Jok, 2011). A fragilidade institucional do novo Estado impediu o estabelecimento de mecanismos eficientes de governança, justiça e segurança, o que contribuiu para o aumento da violência (Deng, 2015). Em conclusão, a disputa por recursos e acesso a serviços fundamentais, aliada à destruição de infraestrutura e ao colapso económico resultante do conflito, intensificou a fragilidade da população, piorando a situação da insegurança

alimentar e aumentando os deslocamentos internos e externos (FAO, 2023; ONU, 2015).

A primeira guerra civil (1955–1972) e, mais tarde, a segunda guerra civil (1983–2005) foram consequências do conflito entre o Norte e o Sul. Os Acordos de Paz de Naivasha, que puseram fim à segunda guerra civil, possibilitaram a independência do Sudão do Sul em 2011. Em 2013, apesar da expectativa de estabilidade, uma guerra civil irrompeu entre o presidente Salva Kiir e o ex-vice-presidente Riek Machar, decorrente das rivalidades políticas e étnicas previamente citadas. O conflito resultou em milhares de mortes e milhões de deslocados (Leonardi, 2010).

Os conflitos armados causaram efeitos significativos nas condições de vida das pessoas, como colapso económico, destruição de infraestrutura e grave insegurança alimentar. Em 2014, mais de 2 milhões de pessoas estavam em risco de fome, e esse número subiu para 4,6 milhões nos anos seguintes, com dezenas de milhares em situação crítica (ONU, 2014; ONU, 2015). Em 2020, aproximadamente 10 milhões de pessoas no Sudão enfrentavam fome extrema, situação que se agravou devido aos impactos da pandemia de COVID-19 na economia e na saúde (Lusa, 2020). De 2013 a 2023, os conflitos resultaram em 6,3 milhões de deslocados, dos quais 1,2 milhão se tornou refugiado em países vizinhos e 5,1 milhões são deslocados internos (FAO, 2023; ACNUR, 2023; Braun, 2023).

A situação humanitária continua crítica, com escassez de alimentos, medicamentos e serviços essenciais, principalmente nos campos de refugiados. Organizações internacionais alertam para a necessidade de respostas coordenadas e sustentáveis que promovam a estabilidade e a segurança alimentar a longo prazo (FAO, 2023).

A história do Sudão do Sul mostra-nos a gravidade da crise humanitária que o país enfrenta e a necessidade de uma resposta firme e coordenada para fornecer alimentos, bens essenciais e assistência médica, enquanto se procuram soluções sustentáveis para promover a estabilidade e a segurança alimentar a longo prazo (FAO, 2023). A sociedade é unida pela história e pelas lutas pela liberdade como afirmara Jok Madut Jok há mais de uma década:

At the moment, South Sudan is only slightly more than a geographical expression. It contains more than sixty cultural and linguistic groups, each of which have a stronger sense of citizenship in their tribes than in the nation. The main glue that binds the country's multiple ethnicities together

is the history of their struggle for freedom and collective opposition to the north. The most recent phase of this struggle—long and hard, under the leadership of the Sudan Peoples’ Liberation Movement (SPLM)—was an experience that transcended ethnic boundaries, emphasizing unity of purpose during the war (Jok, 2011, p.2).

2.2 Análise das consequências humanitárias da Crise

Décadas de conflito, instabilidade política e catástrofes naturais arrasaram a nação, provocando deslocamentos massivos, fome severa e o desmoronamento da infraestrutura fundamental. As repercussões humanitárias são profundas e complexas, impactando milhões de indivíduos e demandando uma ação internacional imediata para mitigar a dor e fomentar a estabilidade. Em seguida, abordaremos os impactos mais significativos dessa crise na população sul-sudanesa. Atualmente, continuam a lidar com estas tensões políticas, com disputas internas e desafios humanitários, dentro disto são visíveis crises alimentares e questões de segurança, as lutas de poder entre diferentes nações contribuem para que a instabilidade permaneça, dificultando assim o avanço para uma governança democrática e estável (BBC NEWS BRASIL, 2023).

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação, segurança alimentar implica que cada indivíduo tem a capacidade de alcançar alimentos em quantidade e qualidade adequadas para suprir suas necessidades nutricionais e atender às suas preferências alimentares, tanto fisicamente, socialmente quanto economicamente. Isto não se trata apenas de ter comida disponível, mas também de garantir que as pessoas possam realmente obtê-la, assegurando uma dieta saudável, segura, variada e que respeite as tradições culturais, proporcionando uma vida ativa e saudável (FAO - Comissão Europeia. , s.d.).

Contrariamente à segurança alimentar, a insegurança alimentar surge quando há falta de acesso ou disponibilidade de alimento e apesar desta não estar ligada apenas a condições económicas e sociais estes podem também contribuir para essa situação (Iberdrola, s.d.). A desnutrição é um problema que aparece quando o corpo não recebe nutrientes suficientes para responder às necessidades diárias que temos, esta é marcada principalmente pela falta de acesso a alimentos nutritivos devido à pobreza pois a escassez de recursos económicos faz com que as pessoas não possuam meios para comprarem bens essenciais (Iberdrola, s.d.).

Além disso, os problemas ambientais na África tiveram um grande impacto no Sudão do Sul, contudo uma crise mais prolongada, derivada dos conflitos existentes em 2013, afetou maioritariamente os agricultores e a sua capacidade de sustento da comunidade, resultando assim em uma profunda e rápida instabilidade nas áreas afetadas pelo conflito, resultando na perda de bens produtivos e deslocamento de pessoas. As agências humanitárias mais especificamente o Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários no Sudão do Sul afirmaram que este estava a passar por uma crise de insegurança alimentar que já tinha aproximadamente 2,5 milhões de pessoas em risco de fome até ao final de 2014, porém em 2015 observou-se um aumento desta crise alimentar devido ao conflito, sendo que cerca de 3,9 milhões de pessoas foram afetadas, dos quais 30 mil destas pessoas encontravam-se em situações extremamente graves (news.un.org, 2019).

Esta crise foi se agravando e aumentando durante os anos seguintes sendo que em 2016 os principais fatores foram a permanência dos conflitos armados, o aumento dos preços dos alimentos devido à pouca produção agrícola entre outros. Com esta falta de produção agrícola e com o aumento dos preços começou a observar-se um grande aumento de pessoas deslocadas, sendo que estas se deslocam em busca das necessidades básicas a que todas elas têm direito (news.un.org, 2019). A ajuda humanitária nas regiões mais isoladas é de difícil acesso pois as nações que se encontram em guerra bloqueiam os acessos de entrada além disso roubam e atacam quem vem ajudar, devido a esta falta de proteção dos civis houve mais de 1,9 milhões de pessoas que se deslocaram e mais de 1,6 milhões de refugiados (news.un.org, 2019).

Na atualidade os confrontos voltaram em força, onde cerca de 30 pessoas morrem por dia, porém estes dados tendem a aumentar visto que há muitas mortes que não são contabilizadas e as acusações de violações dos direitos humanos continuam também a crescer. Além disso em maio de 2023 a ONU afirmou que já tinham falecido cerca de 860 pessoas sendo que destas 190 eram crianças, mais de um milhão de pessoas são deslocados internos e mais de 250 mil pessoas são refugiados, afirmou também que mais de metade dos habitantes do Sudão necessitam de assistência e proteção humanitária (BBC NEWS BRASIL, 2023).

Em agosto de 2023, a agência da ONU para refugiados (ACNUR) mostrou uma grande preocupação em relação à crise do Sudão, pois não há meios nem recursos suficientes capazes de sustentar esta situação. O estado do Nilo Branco atravessa uma fase onde há falta de medicamentos, recursos essenciais, o que prejudica a saúde e nutrição de cada um sendo que isso é visível nos campos de refugiados (ACNUR, 2023).

Devido à falta de alimentos e bens essenciais e com o aumento dos deslocados, verificou-se um crescimento na taxa de desnutrição e mortes, entre 15 de maio e 17 de julho de 2023 foram registadas mais de 300 mortes maioritariamente crianças com menos de 5 anos (ACNUR, 2023).

No dia 12 de dezembro de 2023, foram divulgadas as projeções do Integrated Food Security Phase onde podemos observar que 17,7 milhões de pessoas por todo o Sudão, ou seja, 37% da população analisada apresentam níveis de insegurança alimentar bastante elevados, estando estes classificados na fase 3 (máxima fase 5), sendo que vai aumentar entre outubro de 2023 e fevereiro de 2024. No geral, dos conflitos armados resultaram 6,3 milhões de pessoas deslocadas, 5,1 milhões são deslocados internos e 1,2 milhões são refugiados em países vizinhos, além destes problemas também nos é possível verificar danos em infraestruturas de grande importância para a sociedade como por exemplo em escolas, hospitais, fontes de energia, entre outras. O roubo de bancos, mercados, alimentos e outros bens levou a que a escassez de produtos e bens essenciais aumentasse drasticamente agravando e dificultando ainda mais o problema da insegurança alimentar e desnutrição (FAO Regional Office for Near East and North Africa, 2023).

Em suma, a crise que o Sudão enfrenta nas últimas décadas é um cenário pesado e tormentoso, onde os conflitos armados são a maior origem dos problemas existentes, contudo os desastres naturais e o Covid-19 também foram responsáveis pelo crescimento destes problemas causando assim uma emergência humanitária complexa (Observador, 2020). A insegurança alimentar e a desnutrição chegaram a níveis bastante preocupantes, o que resultou numa subida de mortes especialmente em crianças, infelizmente as previsões indicam que os números vão continuar a crescer ao longo dos anos pois é uma situação difícil de controlar, por isso é importante destacar a urgência para procura de uma resposta humanitária para que alimentos, bens essenciais e ajuda médica sejam fornecidos (Observador, 2020).

2.3 Análise da resposta internacional à Crise

Para esta crise foi necessária uma resposta internacional sólida. Conforme as informações do Financial Tracking Service (FTS), OCHA e Development Assistance Committee (DAC) da OCDE, o Sudão do Sul recebeu aproximadamente 1,3 mil milhões de dólares anuais em assistência internacional entre 2011 e 2024, o que deu mais de 17

mil milhões de dólares durante esse período. O financiamento alcançou o ponto máximo em 2014, aproximadamente 2 mil milhões de dólares, coincidindo com o auge da guerra civil, e voltou a aumentar em 2020, aproximadamente 1,5 mil milhões de dólares, em decorrência da pandemia de COVID-19. Esses valores englobam tanto a assistência multilateral, direcionada por meio de agências da ONU e instituições financeiras internacionais, quanto a assistência bilateral originada de países doadores (DAC, 2023; Service, 2025).

Neste cenário, entidades como o Alto-Comissário das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) tiveram um papel crucial. Enquanto o ACNUR se concentrou na proteção e suporte a milhões de refugiados e deslocados internos, a FAO se destacou nos esforços para atenuar a fome e recuperar meios de subsistência na agricultura.

Relativamente ao papel do ACNUR, este tem um papel fundamental na resposta à crise humanitária no Sudão do Sul, atuando para salvar e auxiliar milhões de deslocados internos e refugiados que lidam com as consequências devastadoras do conflito e da instabilidade. Desde o começo da guerra civil em 2013, o ACNUR tem se destacado na prestação de ajuda vital, que engloba alojamento, alimentos, acesso a água limpa e serviços fundamentais como saúde e educação. Em diversas regiões do Sudão do Sul, afetadas pela destruição de infraestrutura e constantes crises humanitárias, a presença do ACNUR é essencial para a manutenção da existência de várias comunidades em situação de vulnerabilidade (ACNUR, 2024).

Ademais, o ACNUR trabalha com várias organizações, como o Banco Africano de Desenvolvimento, com o objetivo de fomentar a resiliência e encontrar soluções duradouras para os refugiados e as comunidades anfitriãs no Sudão do Sul. Esta colaboração tem como objetivo intensificar a habilidade de atender às questões urgentes e de longo prazo das comunidades impactadas. Mesmo com os esforços constantes, o ACNUR enfrenta desafios consideráveis devido à insuficiência de financiamento para suas operações, visto que no ano de 2024, a entidade pediu mil milhões de dólares para auxiliar milhões de pessoas que fugiram do conflito no Sudão, evidenciando a procura crescente por ajuda humanitária na área (ACNUR, 2023). Para além dos conflitos, o Sudão do Sul também lida com riscos provenientes das alterações climáticas, que pioram a situação das comunidades deslocadas. O ACNUR tem ressaltado a importância de tratar as intersecções entre alterações climáticas e deslocamentos forçados para criar respostas mais eficientes (UNHCR, 2024).

No que diz respeito à assistência bilateral, os Estados Unidos continuam a ser o maior doador individual, com doações anuais que geralmente excedem 500 milhões de dólares. Esses recursos são direcionados por meio da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e do Departamento de Estado. A União Europeia, através da Direção-Geral de Proteção Civil e Operações de Ajuda Humanitária (DG ECHO), alocou aproximadamente 1,2 mil milhões de euros no período de 2011 a 2024, financiando iniciativas voltadas à nutrição, saúde, segurança alimentar e proteção de civis. O Reino Unido, a Noruega, a Alemanha e o Japão são outros parceiros bilaterais importantes que têm feito contribuições constantes em áreas estratégicas (Operations, 2019).

Por outro lado, A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), foi fundada em 1945 como uma agência especializada das Nações Unidas esta dedica-se a controlar esforços globais contra a fome, o seu principal propósito é conseguir assegurar a segurança alimentar universal e garantir que todos tenham direito a alimentos em quantidades suficientes para que possam ter uma vida saudável. Esta conta com 195 membros e atua em mais de 130 países por todo o mundo (FAO - Comissão Europeia. , s.d.). Ao longo deste período de insegurança alimentar, a FAO tem efetuado diversas intervenções no Sudão para tratar a crise alimentar e também para promover a segurança alimentar (FAO – Comissão europeia. , s.d.). Entre os anos 2004 a 2009, a FAO implementou no Sudão um programa de cooperação que incluía diferentes áreas de intervenção setoriais, durante estes anos conseguiu cerca de 200 milhões de euros em fundos monetários (FAO, 2004).

A principal maneira de como a FAO deu assistência foi através do apoio direto a famílias em situações de vulnerabilidade, a deslocados e comunidades afetadas, este apoio foi efetuado em parceria com organizações não governamentais. Além disto, defendeu a formação de informações que abordam questões sobre a segurança alimentar, coordenou esforços humanitários deste setor e promoveu formas de as pessoas terem direito aos recursos essenciais (FAO, 2004).

Relativamente às intervenções na produção agrícola, a FAO realizou diversas tarefas relacionadas com o desenvolvimento agrícola, sendo estas a distribuição de sementes devido à seca e ferramentas de forma que os agricultores possam voltar a trabalhar depois dos conflitos e desastres naturais, treino de práticas agrícolas, ou seja, ensinar a melhor maneira de gerir a água, manuseamento de terras e cultivos próprios para a região, controlo contra pragas, entre outros (FAO, 2004).

Durante o período mais recente, 2011–2024, a FAO coordenou iniciativas de emergência e recuperação agrícola no Sudão do Sul, concentrando-se na entrega de sementes, instrumentos agrícolas e kits de pesca, beneficiando mais de 5 milhões de pessoas em 2023. Essas ações foram fundamentais para recuperar a produção de alimentos e diminuir a dependência de assistência externa. Por exemplo, em 2020, a FAO fez um apelo de 350 milhões de euros para fortalecer a segurança alimentar em resposta aos efeitos da pandemia, beneficiando 1,8 milhão de pessoas com insumos agrícolas e assistência direta (FAO, 2025).

Este foi usado para responder às novas questões caudas pela pandemia, além disso no Sudão do Sul foi realizada uma campanha de distribuição de sementes, tal como já tinha sido feita anteriormente (news.un.org, 2020). Segundo os dados da FAO São Tomé e Príncipe, a FAO distribuiu cerca de 4 milhões de quilogramas de sementes e 8 milhões de sementes e legumes foram preposicionados, além disso 100.000 ferramentas que vão ser entregues a quase 1,8 milhão de pessoas, ou seja, é possível cultivar alimentos suficientes até 6 meses. Relativamente à pesca, foram distribuídos kits de pesca a quase 50.000 pessoas (FAO, 2020).

Atualmente em 2023, mais precisamente em julho, segundo a fonte do Observador a FAO criou uma campanha de distribuição de sementes para todos os agricultores afetados, serão distribuídas 10 mil toneladas de sementes em 17 estados, com isto será possível aos agricultores plantar e produzir alimentos suficientes entre novembro e dezembro de 2023, o que irá responder às necessidades de cereais de 13 a 19 milhões de pessoas (Lusa, 2020). Em julho, a FAO afirmou que eram necessários 95,4 milhões de euros para conseguirem chegar a 15 milhões de pessoas com apoio humanitário, dentro deste apoio está novamente a distribuição de alimentos e ferramentas agrícolas, o objetivo é chegar a 1 milhão de agricultores e às respetivas famílias chegando assim aproximadamente a 5 milhões de pessoas. A FAO pretende ajudar 1,3 milhão de pastores de gado para reforçar a segurança alimentar e nutricional de 6,5 milhões de pessoas (FAO , 2023).

No dia 12 de dezembro de 2023, foi feito um pedido de financiamento urgente, foi feito um pedido de mais de 75 milhões de euros devido ao aumento da crise do Sudão pois mais de 17 milhões de pessoas sofrem de insegurança alimentar severa (Lusa, 2020).

Em resumo, a crise no Sudão do Sul destacou a urgência de uma resposta internacional coordenada e abrangente. De 2011 a 2024, a ajuda internacional, tanto multilateral quanto bilateral, desempenhou um papel crucial na redução dos efeitos do

conflito, da instabilidade política, da insegurança alimentar e das mudanças climáticas sobre milhões de pessoas. Enquanto a FAO se destacou na recuperação agrícola e promoção da segurança alimentar, contribuindo diretamente para a redução da dependência de ajuda externa, o ACNUR teve um papel fundamental na proteção e apoio a refugiados e deslocados internos. Embora países doadores como Estados Unidos, União Europeia, Reino Unido, Noruega, Alemanha e Japão tenham feito esforços consideráveis, ainda enfrentamos problemas ligados à falta de recursos financeiros e à complexidade das crises interligadas.

Desse modo, a experiência do Sudão do Sul destaca a relevância de respostas humanitárias integradas, duradouras e adaptáveis, que consigam atender tanto às demandas imediatas quanto às soluções de longo prazo para as populações vulneráveis.

Capítulo 3- Enquadramento teórico, conceptual e metodológico

3.1 A comunicação social e os conflitos internacionais

Por sua vez, a comunicação social tem uma grande influência na formação da opinião pública, mesmo em temas complexos e distantes como a crise no Sudão do Sul. Através da cobertura jornalística, reportagens ao vivo e documentários, os meios de comunicação trazem à luz os eventos que ocorrem em zonas de conflito, moldando a visão do público sobre a gravidade e as causas dos problemas. Uma cobertura responsável e detalhada pode sensibilizar a comunidade internacional, gerando apoio para intervenções humanitárias e políticas de ajuda (Thussu, 2003).

No seu estudo, “*CLARIFYING THE CNN EFFECT: An Examination of Media Effects According to Type of Military Intervention*”, Steven Livingston analisa de forma minuciosa a relação entre os media e a opinião pública, especialmente em situações de crise e conflito. Ele enumera três formas principais pelas quais os media afetam a opinião pública e a política (Livingston, 1997).

Em primeiro lugar, os meios de comunicação social têm a capacidade de moldar a agenda política ao abordar temas como conflitos ou crises humanitárias de maneira emocionante com o objetivo de persuadir a sociedade. Os meios de comunicação têm a capacidade de atrair a atenção do público e dos legisladores para certos eventos ao

divulgar imagens e relatos de atrocidades. Essa cobertura abrangente e visual pode fazer com que governos e organizações internacionais sejam pressionados a responder rapidamente a crises que poderiam ser ignoradas ou subestimadas de outra forma. Uma ferramenta poderosa para estabelecer prioridades políticas e humanitárias é o poder de estabelecer agendas. Os meios de comunicação têm o poder de influenciar a distribuição de recursos, o envio de ajuda humanitária e a mobilização de coalizões internacionais para intervenção ao destacar certas crises (Livingston, 1997).

Em segundo lugar, os meios de comunicação transmitem eventos em tempo real, o que reduz drasticamente o tempo dos formuladores de políticas para tomar decisões. A necessidade de responder rapidamente a eventos enviados pode resultar em decisões precipitadas sem a análise que era necessária. Ex-funcionários do governo afirmaram que havia pressão para controlar a opinião pública e as percepções internacionais por meio de uma resposta imediata a crises. As decisões rápidas nem sempre são as mais estratégicas ou fundamentadas, o que torna essa dinâmica perigosa, pois a pressão da comunicação social pode fazer com que os líderes tomem medidas imediatas, muitas vezes para dar a impressão de que estão interessados em responder rápido à crise, o que pode levar a políticas mal planejadas e pouco eficazes (Livingston, 1997).

Por último, mas não menos importante, a cobertura dos meios de comunicação, tanto visual quanto emocional, tem o potencial de diminuir o apoio público a políticas específicas, particularmente aquelas relacionadas a operações militares ou missões de paz. Fotos relacionadas com o sofrimento humano e com a violência extrema podem abalar a moral pública e a confiança nas operações. Além disso, a divulgação de informações confidenciais em tempo real pode prejudicar a segurança operacional e dificultar a implementação eficaz de estratégias e políticas. Essa barreira, resultado dos media, pode resultar no abandono ou revisão de políticas, mesmo as que inicialmente pareciam necessárias. A cobertura contínua de problemas ou interrupções nas operações pode criar uma narrativa negativa, que pode prejudicar a opinião pública sobre a continuidade de tais iniciativas (Livingston, 1997).

A pesquisa de Steven Livingston mostra que a comunicação social desempenha um papel importante e complicado na formação da política, bem como na forma como o público percebe crises e conflitos. Os meios de comunicação têm um impacto significativo e diversificado na maneira como as crises são tratadas e percebidas em todo o mundo, desde a criação de agendas até a aceleração e impedimento das decisões políticas. Os meios de comunicação são um ator influente no cenário global devido às

suas habilidades de criar narrativas, influenciar a tomada de decisões políticas e afetar o apoio público a longo prazo. Por isso, é fundamental estudar a relação entre política e mídia para entender melhor como as crises são navegadas e resolvidas no mundo moderno.

Relativamente à comunicação portuguesa em temas como os conflitos armados, o artigo de Élvio da Silva Carvalho "*Jornalismo de Guerra: O Caso da Imprensa Portuguesa*" analisa de perto a forma como a comunicação social portuguesa influencia a opinião pública sobre conflitos armados. A análise dos jornais portugueses durante a segunda guerra do Golfo, (2003-2004) mostra como as características do jornalismo durante a guerra podem influenciar as percepções e atitudes do público. Determinar quais conflitos merecem ter destaque e como esses eventos são apresentados ao público são decisões importantes que são tomadas pela comunicação social. De acordo com a pesquisa de Carvalho, tanto o Público quanto o Correio da Manhã forneceram uma cobertura significativa da guerra, com várias manchetes e páginas inteiras dedicadas ao assunto. Como determina a visibilidade e a importância percebida dos eventos, essa escolha editorial é um passo importante na formação da opinião pública (Carvalho, 2013).

A utilização de fotos chocantes, normalmente de crianças é uma ferramenta poderosa que tem a finalidade de impactar emocionalmente os leitores. Ao utilizar imagens perturbadoras ou altamente simbólicas, os meios de comunicação podem influenciar as emoções e atitudes do público em relação à guerra, seja para gerar simpatia pelas vítimas ou apoio para uma intervenção militar. A linguagem usada e a forma como as notícias são organizadas também são importantes, visto que as reportagens que enfatizam a necessidade de intervenção humanitária podem influenciar a opinião pública de forma a apoiar a guerra. Por outro lado, relatos que enfatizam as atrocidades e as vítimas civis são propensos a desencadear resistência e manifestações contra o conflito (Carvalho, 2013).

3.2 Conceitos operacionais

Os conflitos podem ser classificados de várias formas, com base na sua dimensão, dinâmica e nos atores envolvidos. Para o Sudão do Sul, é crucial distinguir entre os conflitos internos e os conflitos internacionais.

Michael Brown define conflitos internos como situações de disputa e violência que ocorrem dentro das fronteiras de um estado soberano, no livro "*A dinâmica dos conflitos internos: uma análise crítica*". Estes conflitos normalmente envolvem o governo e grupos organizados, como rebeldes ou fações que desafiam a autoridade existente por motivos como diferenças étnicas ou religiosas, descontentamento político e económicos ou disputas pelo controlo de territórios e recursos. Estes conflitos internos são agravados por intervenções internacionais, onde países vizinhos ou potências externas fornecem apoio militar, financeiro ou logístico a várias fações, o que pode piorar o conflito e dificultar a mediação e a resolução.

Além disso, os conflitos internos geralmente resultam em muita violência contra os cidadãos e deslocamentos em massa, originando crises humanitárias graves. A destruição social e económica que acompanha esses conflitos pode afetar as sociedades por um longo período (Stedman, 2022).

Com isto, chegamos ao conceito de conflitos internacionais que segundo o autor Peter Wallensteen na obra "*Understanding Conflict Resolution: War, Peace, and the Global System*", conflitos internacionais são fenómenos complexos que envolvem conflitos entre estados soberanos, que podem surgir por diversos motivos, incluindo disputas territoriais, disputas por recursos naturais como por exemplo petróleo e divergências ideológicas profundas, como divergências políticas, religiosas ou culturais (Wallensteen, 2002).

Esses conflitos são transnacionais e podem afetar outras regiões e o mundo inteiro. Por exemplo, um conflito armado entre dois países pode desestabilizar uma região inteira, dando origem aos refugiados, estragos na economia e até mesmo ao envolvimento de outros países para o conflito por meio de alianças ou interesses estratégicos. Além disso, o autor destaca o facto de existirem diversas maneiras pelas quais os conflitos internacionais podem se manifestar, que vão desde crises políticas e tensões diplomáticas até formas mais extremas, como guerra aberta e sanções económicas. Contudo, estes também podem surgir de repente como resultado de uma catástrofe imprevista ou podem desenvolver-se com o passar do tempo como resultado de uma série de fatores acumulativos, como conflitos antigos que não ficaram bem resolvidos, competição por recursos ou mudanças nas relações de poder entre os Estados (Wallensteen, 2002).

Por outro lado, o conceito de enquadramento, também conhecido como framing, é crucial para entender como a media afeta a perceção pública e as reações internacionais em crises complexas, como a do Sudão do Sul. De acordo com Entman

(2004), o *framing* é o método pelo qual os meios de comunicação estabelecem e interpretam eventos, influenciando a maneira como os públicos percebem tais eventos. O contexto pode ser benéfico, ressaltando soluções e esforços humanitários, ou prejudicial, destacando violência, caos e dor. Neste estudo as três principais categorias são enfoque humanitário, focado em vítimas civis, assistência e dor humana; enquadramento de segurança, centrado na instabilidade, violência, ameaças regionais e grupos armados; enquadramento político e diplomático, que enfatiza acordos, intervenções globais e determinações de governos e entidades multilaterais.

No campo da comunicação social o *framing* consiste na escolha e apresentação de informações, na construção de narrativas e na utilização de imagens e símbolos específicos para atribuir significado a um acontecimento ou circunstância. Ele tem um impacto direto na formação da opinião pública e pode levar governos, organizações e instituições internacionais a agir ou a desconsiderar certos assuntos, dependendo de como as informações são apresentadas Entman (2004).

Esta pesquisa utilizará o conceito de *framing* para examinar a maneira como os principais veículos de comunicação, tais como *The New York Times*, *The Guardian* e *Al Jazeera*, trataram a crise no Sudão do Sul (Livingston, 1997; Gilboa, 2005). A avaliação do contexto dessas narrativas auxiliará na identificação de padrões de cobertura, elementos políticos ocultos e o efeito na mobilização de recursos e na resposta humanitária. A seleção dos jornais *The New York Times*, *The Guardian* e *Al Jazeera* para examinar o conceito de *framing* na cobertura da crise no Sudão do Sul é justificada pela sua importância, impacto global e diferentes estratégias na cobertura de conflitos e crises humanitárias. Como um dos jornais mais influentes dos Estados Unidos, o *The New York Times* tem uma longa história de cobertura investigativa e avaliação crítica de crises globais. A sua influência nos Estados Unidos e no contexto mundial faz dele um instrumento crucial para entender a forma como a narrativa internacional é formada, particularmente no que diz respeito a questões políticas e humanitárias (Livingston, 1997; Gilboa, 2005).

O jornal britânico *The Guardian* é reconhecido pela sua perspectiva analítica e pela ênfase em direitos humanos e políticas sociais. A sua visão crítica proporciona percepções valiosas sobre como as potências europeias interpretam e comunicam sobre conflitos mundiais, auxiliando na compreensão dos padrões de narrativa que direcionam a reação internacional.

Em relação à *Al Jazeera*, estabelecida no Qatar, adota uma estratégia única ao utilizar uma visão regional e global em suas matérias. Este jornal apresenta uma

perspetiva maioritariamente focada no cenário do Oriente Médio, porém com uma cobertura extensa dos conflitos africanos, oferecendo uma visão alternativa e diversificada em relação aos meios de comunicação ocidentais convencionais.

A análise do *framing* deve ser acompanhada de uma reflexão crítica sobre o alinhamento político dos meios utilizados, pois esse alinhamento afeta tanto a escolha dos temas quanto a criação de narrativas que formam percepções e mobilização internacional. A literatura sobre *framing* estabelece de forma clara que a seleção de enquadramentos define quais elementos de um evento são destacados e quais soluções políticas são legitimadas, possibilitando a análise de como a cobertura influencia respostas humanitárias e políticas públicas (Entman, 2004; Philo, 2013).

Em relação ao *The New York Times*, pesquisas sobre media indicam que os veículos de comunicação costumam ajustar os seus conteúdos de acordo com as preferências do público e tradições editoriais. Isso explica a orientação centro-esquerda frequentemente atribuída ao jornal, bem como a sua tendência para enquadramentos que destacam direitos humanos, multilateralismo e críticas a intervenções unilaterais, fatores que podem se alinhar com aspetos da política externa dos Estados Unidos (Mamdani, 2009; Thussu, 2003).

O *The Guardian* possui uma tradição editorial fortemente alinhada com valores liberais e centro-esquerda, apoiada institucionalmente pelo Scott Trust. Isso reforça o seu foco em direitos humanos, responsabilidade internacional e justiça social na cobertura de crises, como a do Sudão do Sul. Essa perspetiva editorial geralmente favorece abordagens que demandam responsabilidade das potências e solidariedade europeia (Mamdani, 2009; Thussu, 2003).

Embora se apresente como uma plataforma jornalística global e plural, a *Al Jazeera* tem sido objeto de pesquisas que mostram conexões institucionais e influências do financiamento estatal do Qatar. Isso pode afetar, de maneira complexa e variável, a linha editorial e as prioridades de cobertura, especialmente ao oferecer mais destaque a perspetivas regionais e atores não-ocidentais. Essa matriz editorial proporciona uma perspetiva diferente dos meios ocidentais e pode afetar as diversas maneiras de mobilização política e diplomática na área (Livingston, 1997; Jok, 2011; Penteado, 2012)..

Em resumo, a combinação da teoria do *framing* com evidências empíricas sobre inclinações editoriais possibilita uma análise crítica da cobertura do Sudão do Sul, os *frames* adotados pelos três meios não são neutros pois eles refletem tradições

institucionais, públicos e contextos geopolíticos e afetam diretamente a forma como a crise é vista por decisores e públicos externos, o que tem um impacto real na mobilização de recursos e na resposta humanitária internacional (Livingston, 1997; Jok, 2011; Penteadó, 2012).

Por fim, a comunicação social exerce um papel crucial na percepção do público e nas reações institucionais em situações de conflito. Conforme José Roberto Penteadó, na obra “A técnica da comunicação humana”, a comunicação social é um processo em constante evolução que vai além da mera disseminação de informações. Ela tem como objetivo instruir, estabelecer vínculos e influenciar comportamentos por meio da comunicação em vários meios, tais como rádio, televisão, internet e jornais (Penteadó, 2012).

Neste contexto, ele pode ser definido como a troca dinâmica de informações entre indivíduos e grupos que ocorre ao longo de uma variedade de canais e meios. Essa troca de informações tem como finalidade impactar, educar e criar conexões com a sociedade como um todo. Por outro lado, vai além da transmissão de mensagens pois também envolve interpretar e entender essas mensagens, o que requer o uso de técnicas de comunicação eficazes além de habilidades especiais (Penteadó, 2012). Em várias particularidades da sociedade, a comunicação social é bastante crucial, pois ao facilitar a interação e o compartilhamento de informações e ideias entre indivíduos e grupos, ela ajuda a desenvolver e a manter as relações humanas (Penteadó, 2012).

Além disso, a comunicação social desempenha um papel importante na formação da opinião pública, devido a esta influenciar as atitudes, crenças e comportamentos da sociedade em relação a questões políticas, sociais e culturais. Por sua vez, a comunicação social também promove significativamente a cultura e os valores sociais, como ideias, valores e costumes que são transmitidos e apresentados através de vários meios de comunicação, incluindo jornais, televisão, rádio e internet (Penteadó, 2012).

3.3 Estratégias de Comunicação para a Mobilização de respostas humanitárias em Situações de Crise

Dentro do contexto de crises humanitárias, a implementação de táticas de comunicação eficazes e acessíveis é essencial para garantir a confiança, a mobilização e a efetividade nas ações humanitárias. A comunicação direta por meio de interações

presenciais tem se mostrado particularmente eficiente, pois fomenta a confiança, a proximidade cultural e a resposta rápida às inquietações específicas das comunidades impactadas. De acordo com o relatório da UNHCR (2020), a utilização de estratégias presenciais possibilita um entendimento cultural aprimorado e uma ligação direta com as comunidades. No entanto, é necessário complementar essas estratégias com uma variedade de meios de comunicação para assegurar a acessibilidade a todos os grupos, particularmente aos mais vulneráveis ou marginalizados. O uso exclusivo de líderes tradicionais ou estruturas formais pode intensificar as desigualdades sociais, privando determinados grupos da comunicação crucial em emergências. Portanto, é imprescindível recorrer à comunicação social e eventos presenciais que empreguem linguagens compreensíveis e adequadas ao cenário cultural local (SBCC, 2021).

As redes sociais estão a tornar-se instrumentos essenciais neste contexto, permitindo uma comunicação ágil, bidirecional e interativa. De acordo com a OCHA, redes sociais como Facebook e Twitter têm se mostrado eficazes na disseminação de mensagens cruciais em tempo real, na identificação das inquietações das comunidades impactadas e na luta contra a desinformação em períodos de crise. Contudo, o seu uso deve ser inclusivo e culturalmente adequado, assegurando que os canais sejam acessíveis e que a disseminação de boatos ou informações falsas seja prontamente corrigida para prevenir danos nas respostas humanitárias (OCHA, 2017).

Ademais, o uso de mobilizadores locais tem se mostrado uma tática eficiente para reforçar a confiança e obter informações pertinentes. Esses agentes englobam líderes da comunidade, mulheres e integrantes de grupos marginalizados, que podem funcionar como catalisadores para impulsionar alterações de comportamento e assegurar a propagação de mensagens vitais em situações de vulnerabilidade social. A transparência e a obtenção de feedback em tempo real são igualmente essenciais, pois possibilitam ajustar as mensagens e atender às demandas variáveis das comunidades impactadas, fortalecendo a confiança no auxílio humanitário (SBCC, 2021; UNHCR, 2020).

As dificuldades encontradas envolvem a excessiva dependência de meios de comunicação convencionais, o perigo de perpetuar desigualdades e a exigência de investir em estratégias mais inclusivas e diversificadas. É necessária uma estratégia adaptativa e sensível às dinâmicas locais e culturais para mobilizar todas as camadas da população, especialmente mulheres, jovens e grupos marginalizados. Métodos fundamentados no diálogo, confiança e na utilização de diversos canais de comunicação têm se mostrado mais eficientes para reforçar a resposta humanitária, diminuindo

obstáculos ao acesso de informações e incentivando medidas mais ágeis e adequadas às demandas das comunidades impactadas.

3.4 Análise de conteúdo

A análise de conteúdo é uma técnica crucial para entender a maneira como os veículos de comunicação internacionais tratam a crise no Sudão do Sul, utilizando o conceito de *framing*. Este procedimento incluirá a recolha, avaliação e interpretação metódica das informações, tendo como referência os três jornais escolhidos, referidos em cima, como fontes principais do estudo, o período de 2011 a 2024 foi selecionado por abranger desde a independência do Sudão do Sul até aos dias atuais, incluindo momentos de aumento da violência e mudanças nas dinâmicas políticas e humanitárias, que podem influenciar as narrativas da media.

A recolha dos dados foi realizada através da pesquisa sistemática de reportagens e artigos divulgados por esses meios de comunicação durante o período de referência estabelecido. Depois de coletados, os dados serão analisados utilizando a metodologia de análise de conteúdo, obedecendo a critérios claros para reconhecer padrões, tópicos frequentes e abordagens diferentes nos três jornais. O foco será nos temas predominantes, como os assuntos mais discutidos no cenário da crise, e nos padrões de enquadramento utilizados por cada jornal, identificando como positivos aqueles que destacam esforços humanitários e soluções, e como negativos os que realçam violência, caos e sofrimento.

Depois de realizar essa análise, foi preciso vincular os padrões encontrados aos objetivos do estudo, enfatizando como o enquadramento utilizado pelos diversos meios de comunicação afeta a percepção internacional da crise no Sudão do Sul. Também é relevante analisar as diferenças entre as perspectivas dos três jornais, levando em conta elementos como o cenário político, os interesses do país e as orientações ideológicas subjacentes. Esta análise tem como objetivo destacar as consequências desses enquadramentos nos âmbitos humanitário e político, demonstrando como a construção das narrativas pela media pode influenciar as dinâmicas de resposta e o posicionamento internacional em relação à crise.

É importante destacar que esta dissertação foca na análise de conteúdo jornalístico e, portanto, não avalia diretamente os efeitos empíricos na opinião pública ou na mobilização de recursos humanitários. Qualquer menção a esses efeitos será

abordada apenas de maneira reflexiva e teórica, com base na literatura especializada, e não como um resultado empírico do estudo.

Concluindo, com a análise de conteúdo vou adotar uma metodologia comparativa e sistemática, que se concentra na recolha, análise cuidada e na interpretação crítica dos dados. Através deste método, é possível reconhecer padrões narrativos e entender como estes enquadramentos influenciam a resposta humanitária e as escolhas políticas no cenário da crise no Sudão do Sul.

4. Resultados: o retrato do Sudão do Sul nas notícias internacionais

4.1 New York Times

O artigo, intitulado de "Political Fight in South Sudan Targets Civilians", publicado no The New York Times a 25 de dezembro de 2013, é fundamental para entender como a crise do Sudão do Sul foi inicialmente apresentada nos meios de comunicação ocidentais. É detalhada a forma como a disputa política entre o presidente Salva Kiir e o ex-vice-presidente Riek Machar rapidamente se transformou em uma violência generalizada, caracterizada por massacres direcionados a civis. O autor enfatiza que, logo nos primeiros dias de confrontos, a disputa deixou de ser apenas um conflito político entre as elites e tornou-se uma crise humanitária de enormes dimensões, que deu resultado a milhares de mortes e deslocamentos (Kulish, 2013).

Essa perspectiva reforça a importância do conceito de framing, definido como a escolha de certos elementos da realidade para torná-los mais proeminentes na narrativa mediática (Entman, 2004). Ao destacar o sofrimento das populações inocentes, o New York Times adotou uma abordagem predominantemente humanitária, focando-se na vitimização civil, na brutalidade dos massacres e nas consequências imediatas da guerra do Sudão do Sul (Kulish, 2013).

No entanto, esse contexto não é apenas humanitário, pois a narrativa também indica perigos de desintegração nacional e instabilidade regional, alinhando-se a um contexto de segurança. A ênfase na dimensão étnica da violência também fortalece a ideia de um conflito baseado na identidade. Na lógica dos meios de comunicação

ocidentais, isso vai contribuir para a imagem do Sudão do Sul como um país vulnerável e sujeito a ciclos de violência (Kulish, 2013).

Do ponto de vista da análise mediática, o artigo mostra uma tendência recorrente nos meios de comunicação internacionais, a cobertura intensa de crises no momento da sua eclosão, frequentemente centrada em episódios de violência extrema, seguida de um declínio gradual de atenção à medida que o conflito se prolonga. Este padrão, já identificado por Livingston (1997) no contexto do denominado “efeito CNN”, traduz-se numa visibilidade inicial que pode gerar pressão política e diplomática imediata, mas que não se mantém de forma sustentada. No caso do Sudão do Sul, a cobertura do *New York Times* em dezembro de 2013 exemplifica precisamente essa lógica, ou seja, um pico de atenção mediática, associado à dramatização dos massacres, que não se traduziu numa narrativa consistente ao longo dos anos seguintes.

A relevância deste artigo jornalístico torna-se ainda mais clara quando comparada com a cobertura dada a outras crises contemporâneas. Enquanto conflitos como a guerra na Síria ou a instabilidade no Afeganistão mantiveram uma presença contínua na agenda mediática internacional, a crise do Sudão do Sul foi progressivamente marginalizada. A notícia revela, portanto, como a visibilidade da crise esteve dependente de momentos de choque inicial, sem continuidade proporcional, o que contribuiu para a sua relativa invisibilidade na esfera internacional (Kulish, 2013).

Ademais, este artigo corrobora um padrão apontado por autores como Gilboa (2005), no qual a cobertura da comunicação social em crises humanitárias geralmente oscila entre a dramatização episódica e a subsequente negligência. O efeito dessa oscilação é especialmente problemático pois embora o foco inicial na violência extrema possa atrair a atenção da opinião pública e de atores políticos internacionais, a ausência de um acompanhamento consistente dificulta a manutenção de uma pressão global que favoreça soluções duradouras. No Sudão do Sul, essa disparidade na cobertura mediática contribuiu para reforçar a ideia de que, apesar da gravidade da crise humanitária, ela não era uma prioridade estratégica ou política para o Ocidente (Kulish, 2013).

No que diz respeito ao enquadramento mediático, a reportagem pode ser considerada um exemplo paradigmático de como o *New York Times* elabora narrativas sobre conflitos africanos, priorizando a perspectiva humanitária inicial, destacando divisões étnicas e abordando o sofrimento da população civil, porém sem assegurar uma cobertura contínua que mantenha a crise como foco da agenda internacional.

O artigo “South Sudanese Flee War in Sudan”, publicado no The New York Times, discute os efeitos da guerra no Sudão sobre o Sudão do Sul, enfatizando como o conflito transfronteiriço afeta diretamente os fluxos de refugiados. A reportagem destaca que milhares de pessoas cruzaram a fronteira à procura de abrigo, intensificando uma crise humanitária que já decorria e sobrecarregando as capacidades institucionais e infraestruturais do país. Ao destacar o desespero humano enfrentado por esses deslocados, o artigo dá destaque à dimensão humanitária da crise, retratando o Sudão do Sul como destino de vítimas que sofreram violência em duas etapas primeiro no seu país de origem e, em seguida, pela precariedade vivida nos refúgios. A notícia envolve três dimensões essenciais para entender como a mídia internacional cria narrativas sobre o Sudão do Sul, do ponto de vista do enquadramento mediático (Dahir, 2023).

Primeiramente, a perspectiva humanitária, a história foca-se no sofrimento dos refugiados, enfatizando a escassez de alimentos, água potável, assistência médica e abrigo. Este contexto destaca a extrema vulnerabilidade da população e reforça a ideia de que o país é um local de emergência constante. Em segundo lugar, a questão da segurança, ao relacionar o conflito no Sudão com o aumento das tensões no Sudão do Sul, o artigo destaca os perigos de desestabilização regional, já que a chegada em grande escala de refugiados pode agravar os conflitos locais por recursos já limitados e intensificar a pressão sobre as frágeis instituições governamentais. Por último, a dimensão político-estrutural que embora menos evidente, existe a noção de que a situação evidencia as dificuldades do governo sul-sudanês em assegurar condições básicas de acolhimento, expondo a fragilidade estrutural do Estado (Dahir, 2023).

Esta notícia é especialmente pertinente para a dissertação em questão, pois demonstra que a cobertura internacional vai além de retratar o Sudão do Sul apenas pelos conflitos internos, mas também como um centro das dinâmicas regionais de instabilidade. A guerra no Sudão é retratada como um elemento externo que intensifica a crise no Sudão do Sul, consolidando a percepção do país como um recetor passivo de crises na região. Este contexto reforça o padrão observado em outras reportagens do New York Times, o Sudão do Sul é frequentemente retratado como um espaço de vulnerabilidade, onde conflitos internos e externos se intensificam, criando uma narrativa de incapacidade estrutural (Dahir, 2023).

No entanto, ao priorizar o enquadramento humanitário e regional, esta narrativa tende a ocultar aspetos mais complexos da realidade. Por exemplo, não destaca as estratégias de resiliência implementadas por comunidades locais, o papel de

organizações sul-sudanesas na gestão de crises ou a atuação política da sociedade civil. O foco no drama imediato, apesar de ser eficaz para atrair a atenção internacional, leva a uma representação parcial que acentua a dependência do país em relação à assistência externa. Essa lógica vai alinhar-se ao que Gilboa (2005) caracteriza como um ciclo de dramatização episódica, no qual os veículos de comunicação internacionais priorizam a espetacularização da tragédia em vez de oferecer uma análise contínua e contextualizada.

O New York Times retoma o foco no Sudão do Sul em 2025 através do trabalho de Declan Walsh, evidenciando que, apesar dos acordos de paz e dos esforços internacionais, o país continua vulnerável a ciclos recorrentes de instabilidade. A reportagem insere-se num contexto de retrocesso político e militar, assinalando o risco iminente de retorno à guerra civil, e permite compreender como o jornal retoma e adapta os enquadramentos utilizados anteriormente para interpretar a crise sul-sudanesa, reforçando a percepção do país como estruturalmente frágil.

O artigo de Declan Walsh (2025), intitulado "How South Sudan Returned to the Brink of War" publicado no The New York Times, oferece uma contribuição jornalística importante para entender o processo de desintegração do acordo de paz no Sudão do Sul em 2025. Walsh descreve uma série de eventos como confrontos violentos, atuação de milícias como a chamada White Army, e ações estatais abrangentes que envolveram detenções e restrições contra opositores que, em conjunto, indicam um risco real de retorno a hostilidades generalizadas e o esvaziamento prático do acordo de 2018 (Walsh, 2025).

Na perspectiva do enquadramento mediático, o texto apresenta três intermediários interpretativos que são fundamentais para a análise da representação internacional do conflito. O primeiro é o enquadramento humanitário, que destaca o sofrimento da população civil, os deslocamentos em massa e os danos a infraestruturas essenciais. O segundo é o enquadramento da estabilidade, que ressalta a possibilidade de um colapso institucional e o risco de uma escalada militar que ultrapassa as fronteiras regionais. O terceiro é o enquadramento político-étnico, que enfatiza os antagonismos étnicos históricos e a utilização desses antagonismos por atores políticos e milícias (Entman, 2004), Walsh, ao unir esses três elementos, cria uma narrativa que converte acontecimentos locais em indicadores de colapso sistémico, tornando-os mais visíveis para públicos internacionais e decisores.

Essa cobertura mostra um padrão constante na crise do Sudão do Sul, picos de atenção da cobertura mediática durante as fases de escalada e dramatização, seguidos

por períodos de atenção diminuída. A literatura sobre os efeitos da comunicação social em crises indica que esse tipo de cobertura normalmente gera pressões imediatas, porém raramente mantém um acompanhamento constante que promova soluções políticas duradouras (Livingston, 1997; Gilboa, 2005). Como resultado, artigos desempenham duas funções ao mesmo tempo, ou seja, gerar visibilidade e urgência durante uma crise aguda; estabelecer uma imagem do Sudão do Sul como um Estado constantemente frágil, o que pode afetar as atitudes de política externa, as prioridades humanitárias e o enquadramento das intervenções internacionais.

Do ponto de vista crítico, e alinhado com o objetivo desta dissertação, o estudo também expõe as limitações comuns à cobertura internacional. Primeiramente, embora haja um foco intenso nas dinâmicas de elite e nos indicadores militares, muitas reportagens priorizam fontes oficiais, líderes e manifestações de violência, em vez de dar espaço a vozes comunitárias ou a narrativas locais consistentes, o que diminui a visibilidade das iniciativas de paz no âmbito comunitário. Em segundo lugar, apesar de o enquadramento humanitário gerar empatia, ele tende a dar mais destaque a eventos espetaculares, como bombardeamentos, massacres e detenções de figuras política, do que a processos estruturais cotidianos, como gestão de recursos, corrupção e colapso de serviços públicos que contribuem para a crise (D.Walsh, 2025).

Em suma, a análise das notícias publicadas pelo The New York Times de 2013 a 2025 revela um padrão de enquadramento mediático caracterizado pela alternância entre momentos de dramatização intensa e atenção reduzida. Desde a primeira reportagem que destacou a vitimização civil e a dimensão étnica do conflito, até as reportagens mais recentes de Latif e Walsh, focadas nos impactos regionais e no risco de colapso institucional, há uma continuidade na representação do Sudão do Sul como um Estado estruturalmente frágil, sujeito a ciclos constantes de violência e dependente de intervenção externa.

4.2 The Guardian

A notícia de 12 de maio de 2014, com o título “South Sudan food security crisis could spiral into famine, agencies warn”, foi publicada quando a guerra civil no Sudão do Sul ainda estava no início, porém já a causar muitos impactos devastadores sobre a população. A notícia tem um foco na parte humanitária, concentrando-se maioritariamente na ameaça iminente de uma crise alimentar de grandes proporções. O texto enfatiza que milhões de pessoas se encontravam em risco de fome, especialmente crianças em estado de desnutrição severa, e relaciona diretamente essa

situação ao colapso da agricultura e à insegurança generalizada causada pela violência. O uso de estatísticas e previsões disponibilizadas por agências humanitárias e pela ONU como a quantidade de pessoas em perigo e as projeções de fome vai fortalecer a credibilidade do discurso jornalístico, enquanto constrói uma narrativa alarmista que apela por uma intervenção urgente (Jones, 2014).

No entanto, a dependência de fontes internacionais evidencia um padrão comum na cobertura da comunicação social global, a falta de vozes locais. Nem os governantes do Sudão do Sul nem os representantes das comunidades impactadas são protagonistas da história. O país é retratado principalmente como um lugar de catástrofe, incapaz de administrar os próprios recursos e de assegurar condições básicas de vida para a população. Essa omissão ajuda a criar a percepção de que o Sudão do Sul é um objeto de preocupação internacional, em vez de um sujeito político com autonomia própria (Jones, 2014).

Ao mesmo tempo, o enquadramento da notícia dramatiza a situação ao enfatizar o perigo de que a crise alimentar possa piorar rapidamente, servindo como um aviso que aumenta a sensação de urgência. Além de conscientizar a opinião pública internacional, essa dramatização destaca a urgência de uma resposta das potências globais e das organizações humanitárias. Dessa forma, a cobertura vai além de simplesmente informar, ou seja, esta desempenha também um papel de mobilização ao comunicar que a sobrevivência do Sudão do Sul depende estruturalmente do apoio externo (Jones, 2014).

Desta forma, a notícia não só reforça a imagem de extrema fragilidade do Estado, mas também destaca a tendência da media internacional de retratar o país sob a perspectiva da vulnerabilidade humanitária, ignorando as dinâmicas internas e perpetuando a ideia de que a existência política está intrinsecamente ligada à intervenção de atores externos.

A reportagem do The Guardian com o título “South Sudan: crisis looms for people displaced by conflict” trata da situação das pessoas deslocadas internamente, empregando diversas imagens para evidenciar as condições precárias nos campos de proteção da ONU. A cobertura visual enfatiza a fragilidade da população, retratando crianças em perigo de desnutrição, famílias em abrigos precários e a falta de recursos básicos, como alimentos, água e produtos de higiene (Guardian, 2014).

Esse enquadramento humanitário destaca a gravidade da crise e chama a atenção da comunidade internacional, reforçando a imagem do Sudão do Sul como um

país estruturalmente vulnerável e incapaz de garantir a segurança e o bem-estar de sua população. Simultaneamente, a reportagem destaca um enquadramento de segurança ao enfatizar que a violência e o medo persistem mesmo em áreas tidas como seguras, sugerindo que a instabilidade é constante e que a proteção oferecida pelo Estado é inadequada. A falta de vozes locais, tanto governamentais quanto comunitárias, fortalece a ideia de que o país é passivo e dependente em relação à intervenção internacional. Nesse cenário, a ONU e as agências humanitárias se tornam protagonistas, reforçando a percepção de que o Sudão do Sul é vulnerável e constantemente sujeito a crises externas (Guardian, 2014).

Por outro lado, a notícia, intitulada “South Sudan 'failed' by international aid system as food crisis intensifies”, trata do agravamento da crise alimentar no Sudão do Sul e foca-se criticamente nas deficiências do sistema global de assistência humanitária. O artigo destaca que milhões de pessoas sofrem de desnutrição aguda ou estão em risco de fome, fornecendo dados e depoimentos de entidades como a ONU e a CAFOD para enfatizar a seriedade do problema. A cobertura mescla uma perspectiva humanitária com uma análise político-institucional, enfatizando que a falta de recursos financeiros, os cortes no orçamento e a centralização das decisões em entidades internacionais diminuem a efetividade da resposta, ao mesmo tempo em que marginalizam as organizações locais que estão na linha de frente da prestação de assistência (Ahmed, 2023). Isto, evidencia que a vulnerabilidade da população não decorre apenas de conflitos internos, mas também de deficiências na resposta externa, além de reforçar a dependência do país em relação à intervenção internacional (Ahmed, 2023).

Em termos discursivos, o artigo destaca a vulnerabilidade estrutural do Sudão do Sul e a ineficácia do Estado em administrar a crise alimentar de forma autônoma. Apesar de criticar o sistema de ajuda internacional, o país é retratado como um ator passivo, sem espaço para as vozes locais ou sociedade civil, e enfatiza a importância do apoio externo como condição fundamental para a sobrevivência da população. Esse contexto reforça uma narrativa de vulnerabilidade crônica, na qual o Sudão do Sul é apresentado como dependente de ajuda externa e exposto a falhas externas, solidificando a imagem de fragilidade e ineficácia política (Ahmed, 2023).

Simultaneamente, o artigo usa evidências estatísticas com relatos pessoais, construindo uma narrativa que une precisão e emoção, atraindo a atenção da opinião pública global. Contudo, ao enfatizar a dramatização das falhas externas e ao desvalorizar as iniciativas locais de resiliência e os esforços comunitários de paz, a

cobertura reduz a complexidade da crise, fortalecendo uma percepção de dependência e passividade do país. Essa perspectiva demonstra como o jornalismo internacional cria representações de vulnerabilidade e urgência humanitária, enquanto restringe a compreensão das soluções internas e das habilidades do Sudão do Sul para administrar sua própria crise.

As três notícias analisadas do The Guardian, quando consideradas em conjunto, revelam um padrão coerente na cobertura internacional do Sudão do Sul, focado principalmente na fragilidade humanitária e na dependência do país em relação à intervenção externa. A narrativa criada destaca o sofrimento da população civil, desde o perigo iminente de fome até as condições precárias nos campos de deslocados, vinculando a seriedade da crise às deficiências estruturais do Estado e do sistema internacional de assistência. Os artigos incorporam precisão factual e dramatização ao empregar dados estatísticos, previsões de agências internacionais e relatos pessoais, capturando a atenção e a empatia do público global e intensificando a sensação de urgência.

Simultaneamente, a falta de vozes locais e o protagonismo das agências internacionais ajudam a reforçar a imagem do Sudão do Sul como um país passivo, incapaz de administrar suas próprias crises, diminuindo a importância da sociedade civil e das iniciativas internas de resiliência. Esse contexto está relacionado com aspectos de segurança e instabilidade estrutural, evidenciando que a violência e a fragilidade institucional permeiam todo o território, incluindo regiões supostamente seguras, o que reforça a noção de vulnerabilidade crônica.

A análise destas reportagens evidencia ainda que, embora eficazes na sensibilização da opinião pública internacional e na pressão sobre atores externos, estes enquadramentos tendem a simplificar a complexidade da realidade sul-sudanesa. Ao priorizar a dramatização humanitária e destacar as falhas externas, a cobertura minimiza a visibilidade de soluções internas e estratégias comunitárias de gestão de crises, perpetuando uma imagem do país como dependente e estruturalmente frágil. Em síntese, estas notícias ilustram como o jornalismo internacional constrói uma narrativa centrada na vulnerabilidade e na urgência humanitária, enquanto limita a percepção da autonomia e agência do Sudão do Sul, reforçando padrões recorrentes de representação mediática de crises africanas.

4.3 Al Jazeera

A notícia publicada pela Al Jazeera a 22 de janeiro de 2025, com o título “Over a million people flee to South Sudan as Sudan conflict grinds on UN”, enquadra o Sudão do Sul sobretudo numa perspetiva humanitária. O país não é retratado através das suas dinâmicas políticas internas, mas sim enquanto espaço de receção de refugiados que fogem da guerra no Sudão. O destaque colocado no número de pessoas deslocadas evidencia a centralidade da lógica quantitativa como fator de noticiabilidade e contribui para a construção de uma narrativa assente na magnitude da crise. Além disso, o conflito sudanês, caracterizado como prolongado e exaustivo, transmite uma sensação de inevitabilidade sobre o impacto regional no qual o Sudão do Sul surge como destino imediato e sobrecarregado (Jazeera, 2025).

A narrativa jornalística fundamenta-se principalmente em informações e declarações de entidades internacionais, especialmente das Nações Unidas e de agências humanitárias, dando legitimidade ao discurso. Contudo, essa dependência de fontes externas intensifica a falta de vozes locais, pois nem as autoridades do Sudão do Sul, nem os representantes da sociedade civil, nem os próprios refugiados são apresentados como protagonistas. Nesse contexto, o país é retratado como um objeto de preocupação internacional, em vez de ser considerado um sujeito com agência própria ou habilidade de resposta (Jazeera, 2025).

Em termos discursivos, a notícia apresenta a imagem de um Estado vulnerável, caracterizado por uma sequência de crises e dificuldades estruturais, sendo retratado como incapaz de administrar de forma autónoma o impacto da chegada em massa de refugiados. Esse contexto reforça a perceção do Sudão do Sul como um território passivo, cuja imagem na media é moldada pela vulnerabilidade humanitária, em vez da sua atuação política (Jazeera, 2025).

Nesse contexto, a notícia evidencia uma tendência comum na cobertura internacional, o Sudão do Sul é retratado principalmente pelos desafios externos que enfrenta, especialmente no âmbito humanitário, em vez de ser apresentado como um protagonista regional. A construção do discurso enfatiza o espeto do sofrimento coletivo e a atuação de organizações internacionais, restringindo a compreensão das dinâmicas internas e reforçando a imagem do país como cenário de crises constantes e sucessivas.

Noutra perspetiva, a reportagem da Al Jazeera intitulada de “South Sudan: Sliding into civil war?”, mostra-nos de que forma um outro meio internacional

enquadrou esta crise nos primeiros dias de violência. Esta reportagem situa o Sudão do Sul num contexto de crescente desestabilização política e humanitária, no começo da violência explícita entre o presidente Salva Kiir e o ex-vice-presidente Riek Machar. O título, apresentado na forma de uma pergunta, indica a possibilidade de uma escalada inevitável para guerra civil, transmitindo ao público a impressão de uma crise iminente que coloca em risco a delicada estabilidade do país. A narrativa aborda diversas perspectivas, humanitária, ao descrever as mortes, os deslocamentos populacionais e o sofrimento das comunidades civis; étnica, ao destacar os conflitos históricos entre os grupos Dinka e Nuer; e de segurança e institucional, ao apontar o perigo do colapso do Estado e a urgência da intervenção da comunidade internacional, especialmente das Nações Unidas (Jazeera, 2013).

A reportagem utiliza uma variedade de fontes, como representantes políticos do Sudão do Sul, integrantes da sociedade civil e observadores internacionais. Essa diversidade possibilita a apresentação, mesmo que de maneira restrita, de diferentes pontos de vista sobre a crise. No entanto, a cobertura foca principalmente na dimensão trágica da violência e na vulnerabilidade das pessoas, enfatizando a percepção de que o país não consegue lidar de forma autónoma com a escalada do conflito. O uso de expressões impactantes, como "atrocidades terríveis", e menções a uma crise humanitária de grande escala, além da utilização de dados temporais e estatísticas da ONU, ajuda a dramatizar o cenário e a construir uma narrativa de urgência, alertando a comunidade internacional sobre a seriedade da crise (Jazeera, 2013).

Além disso, retrata a lógica de cobertura imediata, característica do jornalismo internacional em períodos de eclosão de conflitos. A reportagem, emitida poucos dias após os primeiros confrontos em dezembro de 2013, proporciona uma visão do agravamento da situação, reforçando a percepção do Sudão do Sul como um Estado novo e estruturalmente frágil. A violência é retratada como consequência de conflitos políticos internos, porém o enfoque nas divisões étnicas e nos efeitos sobre a população civil cria uma narrativa em que a nação é ao mesmo tempo vítima e cenário de uma instabilidade crónica (Jazeera, 2013)

A conexão entre dimensões internas e externas é outro aspecto relevante do enquadramento. A reportagem aponta que, apesar de o conflito ter surgido da disputa política entre líderes, ele tem consequências diretas para a segurança regional e para a comunidade internacional, sugerindo de forma implícita a necessidade de mediação e intervenção. Entretanto, essa perspectiva tende a diminuir a visibilidade das estratégias de resiliência local, do papel das comunidades sul-sudanesas e das iniciativas de paz

desenvolvidas internamente, reforçando uma narrativa focada na fragilidade estrutural e na dependência externa (Jazeera, 2013).

No âmbito discursivo, a peça ajuda a criar a percepção do Sudão do Sul como uma nação fragilizada, em que desavenças políticas e étnicas se convertem rapidamente em crises humanitárias de ampla magnitude. A combinação de elementos humanitários, étnicos e de segurança gera uma narrativa que justifica a atenção internacional e a intervenção externa, ao mesmo tempo em que reforça a imagem do país como incapaz de gerir suas próprias dinâmicas de conflito de maneira autônoma. Esse contexto inicial é importante para entender como os meios de comunicação internacionais moldaram a percepção do Sudão do Sul desde o começo da crise, combinando dramatização, dados estatísticos e foco na vulnerabilidade civil para causar um impacto imediato no público e nos tomadores de decisão internacionais.

Por outro lado, a reportagem publicada no Al Jazeera, “Sudan’s Forgotten War”, transmitida a 21 de abril de 2024, aborda a crise humanitária no Sudão do Sul, destacando como ela tem sido ignorada pela comunicação internacional. O título indica que a comunidade global praticamente ignorou o conflito, mesmo que este se possa vir a transformar na maior crise de fome desde a guerra civil no Sudão. A história foca no sofrimento das populações civis, destacando a falta de alimentos, a devastação de infraestruturas fundamentais e a falha do governo em assegurar segurança e serviços essenciais. O relato destaca a resiliência humana diante de adversidades extremas por meio de imagens impactantes e depoimentos de vítimas, enquanto denuncia a falta de atenção da comunidade internacional e a inadequação da ajuda humanitária (Jazeera, 2024).

Além disso, a cobertura traz uma crítica implícita à imprensa e às instituições internacionais ao enfatizar que a ausência de atenção da comunicação contribui para a continuidade do sofrimento, o que gera uma narrativa de abandono e invisibilidade. Essa visão indica que, além dos efeitos humanitários imediatos, a negligência global intensifica o isolamento político e social do Sudão do Sul, restringindo a habilidade do país de adotar soluções internas e de mobilizar recursos de maneira independente. Em suma, a reportagem junta aspectos humanitários, críticos e regionais, evidenciando como os meios de comunicação internacionais persistem em retratar o Sudão do Sul e os países vizinhos como regiões de vulnerabilidade estrutural e dependência externa, perpetuando uma narrativa de fragilidade e crise constante (Jazeera, 2024).

Em resumo, as reportagens analisadas mostram um padrão de enquadramento focado na fragilidade humanitária e estrutural do Sudão do Sul. O país é

frequentemente apresentado como um recetor passivo de crises, tanto em relação aos grandes fluxos de refugiados vindos do Sudão quanto ao impacto de conflitos negligenciados, enquanto as vozes locais recebem pouca atenção em comparação com as fontes internacionais. A visão da fragilidade persistente é reforçada pela combinação do enfoque humanitário, da dimensão étnica e das preocupações de segurança, retratando o Sudão do Sul como um país dependente de intervenções externas e sujeito a ciclos constantes de instabilidade.

5. Discussão

A análise comparativa dos três jornais revela tanto padrões de enquadramento comuns quanto diferenças notáveis, que refletem a orientação editorial e o posicionamento geopolítico de cada publicação. Em primeiro lugar, o *The New York Times* ofereceu uma cobertura inicial amplamente focada na dramatização da violência, especialmente nos massacres que ocorreram em 2013, adotando uma perspectiva humanitária, com foco nas vítimas civis e de segurança. Esse padrão é semelhante ao identificado por (Livingston, 1997), conhecido como "efeito CNN", em que as crises distantes só ganham destaque na comunicação social quando alcançam níveis de dramatização que causam impacto visual e emocional. Contudo, essa visibilidade inicial não resultou em continuidade, evidenciando o carácter episódico da atenção dos media.

Por outro lado, o *The Guardian* enfatiza essa lógica, especialmente nos primeiros anos do conflito. A sua cobertura é caracterizada por um discurso fortemente negativo, focado na fome, na falta de segurança alimentar e na falha do Estado em proteger a população. A utilização sistemática de dados de agências internacionais, como ONU e ACNUR, em vez de vozes locais, exemplifica o que (Gilboa, 2005), caracteriza como a inclinação dos meios internacionais em retratar Estados frágeis como simples objetos de intervenção humanitária externa. Apesar de ser mobilizador emocionalmente, esse enquadramento reforça a imagem de dependência estrutural do Sudão do Sul e o marginaliza como um ator político independente.

Por outro lado, a *Al Jazeera* se diferencia dos dois jornais ocidentais. Apesar de também utilizar narrativas humanitárias, é o jornal que mais regularmente coloca o Sudão do Sul em um contexto político e regional, conectando a crise às dinâmicas do Corno da África e às relações de poder no continente. Essa perspectiva comprova que o contexto editorial e a geopolítica influenciam o enquadramento mediático, ou seja, enquanto *The New York Times* e *The Guardian* refletem agendas ocidentais, *Al Jazeera*

procura apresentar uma visão do Sul Global, fornecendo uma narrativa mais abrangente, embora também caracterizada pela dramatização episódica.

No plano comparativo, os três jornais apresentam uma cobertura negativa predominante, com foco em violência, deslocamentos e fome. No entanto, as três publicações diferem nos aspectos centrais da narrativa pois enquanto o *The New York Times* se centra na instabilidade política e nos riscos de segurança, o *The Guardian* enfatiza principalmente a crise alimentar. Por sua vez, a *Al Jazeera* destaca a dimensão regional e diplomática. Essa discrepância corrobora a teoria de (Entman, 2004), que afirma que o framing envolve a escolha de determinados elementos da realidade para lhes conferir maior destaque, influenciando a percepção pública e as respostas políticas.

Em relação à extensão e abrangência da cobertura, constata-se que nenhum dos jornais garantiu uma presença contínua e consistente durante o período de 2011 a 2024. O *The New York Times* e o *The Guardian* relataram um aumento inicial no interesse, seguido por uma queda significativa na cobertura. Por outro lado, a *Al Jazeera* apresentou uma cobertura mais consistente, embora frequentemente incorporada em análises regionais. Esse padrão de atenção episódica, conforme descrito por (Philo, 2013), contribui para a marginalização do Sudão do Sul nos media em comparação com crises vistas como mais estratégicas, como as da Síria e do Afeganistão.

Em termos de implicações teóricas, os resultados demonstram que os meios de comunicação não são apenas transmissores de fatos, mas participantes ativos na criação da visibilidade global. Ao apresentar o Sudão do Sul de maneira maioritariamente negativa, episódica e dispersa, os jornais estão a colaborar para a sua invisibilidade estrutural no cenário mediático global. Como destaca (Mamdani, 2009), esse fenómeno ajuda a explicar o porquê das crises africanas de grande gravidade humanitária receberem atenção limitada e desigual.

Na prática, essa cobertura desigual afeta diretamente a percepção pública internacional e a mobilização de recursos humanitários. A falta de uma narrativa consistente contribui para a apatia do público e a dispersão dos esforços internacionais, diminuindo a habilidade de criar uma pressão política duradoura. Simultaneamente, a persistência em retratos negativos e na falta de vozes locais contribui para a visão do Sudão do Sul como um país constantemente instável, incapaz de criar as suas próprias soluções, o que intensifica a dependência de assistência externa.

Dessa forma, pode-se concluir que a cobertura dos media sobre o Sudão do Sul de 2011 a 2024 apresenta três características principais sendo estas, a predominância de enquadramentos negativos, extensão episódica e abrangência dispersa. Além de moldar a percepção internacional da crise, essas características afetam a formulação de políticas externas e a alocação de recursos humanitários. Além de ser um reflexo da realidade, a comunicação social desempenha o papel de mediadora ativa, tendo a capacidade de amplificar ou marginalizar crises globais e, assim, moldar a ordem internacional.

Em resumo, a análise comparativa das coberturas jornalísticas do The New York Times, The Guardian e Al Jazeera indica que, embora cada jornal tenha as suas particularidades editoriais, há uma tendência geral de apresentar a crise no Sudão do Sul de maneira maioritariamente negativa, episódica e fragmentada. Essa constatação valida os pressupostos teóricos da literatura sobre enquadramento mediático e reforça a ideia de que os meios de comunicação têm um papel fundamental na determinação da visibilidade internacional das crises humanitárias. Os jornais analisados, ao priorizarem histórias de violência, caos e dependência estrutural em vez de processos de resiliência ou vozes locais, ajudam a reforçar a percepção de que o Sudão do Sul é um Estado constantemente vulnerável e marginal no cenário internacional.

Esse enquadramento não restringe apenas a compreensão abrangente da complexidade do conflito, mas também influencia a mobilização de recursos e a elaboração de respostas políticas, o que gera impactos concretos na maneira como a comunidade internacional lida com essa crise. Assim, fica claro que a análise da cobertura da comunicação sobre o Sudão do Sul não deve ser vista apenas como um exercício descritivo, mas como um instrumento crítico para entender como a comunicação social afeta a percepção pública, direciona as agendas políticas e, em última instância, define as prioridades da ação internacional.

É a partir desta reflexão que abro caminho para a conclusão, na qual serão resumidos os resultados mais relevantes, as suas contribuições teóricas e práticas, além das limitações e oportunidades para pesquisas futuras.

6. Conclusão

O objetivo desta dissertação foi examinar o enquadramento da crise humanitária no Sudão do Sul de 2011 a 2024, com base na cobertura jornalística do The New York Times, The Guardian e Al Jazeera. Esta pesquisa procurou entender como

três dos principais jornais internacionais elaboram narrativas sobre um conflito duradouro, caracterizado por instabilidade política, violência étnica, deslocamentos em massa e uma crise humanitária contínua.

A análise revelou que a crise do Sudão do Sul continua a ser relativamente negligenciada no cenário midiático internacional, corroborando o que (Philo, 2013), caracteriza como uma desigualdade estrutural na cobertura de crises humanitárias. No entanto, quando é abordado na cobertura, observam-se padrões consistentes de enquadramento. Primeiramente, observou-se que o enquadramento humanitário predominava, enfatizando o sofrimento da população, a fome generalizada e a constante insegurança (Entman, 2004). Apesar de esta abordagem alertar para a seriedade do problema, ela também acaba por criar uma imagem de “crise constante”, perpetuando o ciclo de dramatização episódica seguido de esquecimento, conforme descrito por (Gilboa, 2005).

Em segundo lugar, constatou-se a existência do enquadramento securitário, especialmente quando a instabilidade no Sudão do Sul está ligada ao risco de desestabilização regional e à pressão exercida sobre os países vizinhos (Livingston, 1997). Esse contexto fortalece a visão do país como um "Estado frágil" e valida a lógica examinada por (Jok, 2011), que afirma que a coesão nacional continua a ser frágil, restringida por antagonismos étnicos e pelo legado de conflitos internos.

Em terceiro lugar, constatou-se o contexto político-diplomático, normalmente envolvido em torno de tratados de paz ou negociações internacionais. No entanto, esse aspecto aparece de maneira intermitente e subordinada em relação às narrativas humanitárias e de segurança, alinhando-se com a tendência identificada por (Thusu, 2003), segundo a qual a cobertura internacional tende a focar-se no drama imediato em vez de realizar uma análise processual.

Desta forma, os resultados demonstram que, apesar das diferenças editoriais e regionais entre os três jornais, há uma tendência predominante de retratar o Sudão do Sul principalmente por meio da sua fragilidade estrutural e da sua necessidade de intervenção externa. A falta de vozes locais, que (Mamdani, 2009) destacou como um aspecto da cobertura ocidental da África, representa uma das lacunas mais notórias na narrativa jornalística analisada.

Do ponto de vista acadêmico, esta dissertação enriquece os estudos de comunicação e Relações Internacionais ao empregar o conceito de framing (Entman, 2004), em um estudo comparativo entre três jornais internacionais, evidenciando como

as decisões editoriais moldam a percepção de crises duradouras. Em termos práticos, as conclusões possibilitam a identificação de algumas consequências significativas para diversos envolvidos. Para os jornalistas, os resultados destacam a importância de diversificar as fontes, incorporar vozes locais e implementar uma cobertura contínua que transcenda a espetacularização de incidentes violentos (Philo, 2013). Para as organizações internacionais, os dados ressaltam a relevância de entender como a mídia global apresenta crises duradouras, uma vez que esses enquadramentos influenciam a priorização dos problemas nas agendas institucionais (Gilboa, 2005; Livingston, 1997). Por fim, a pesquisa adverte os formuladores de políticas e analistas sobre os perigos de uma cobertura irregular, que pode resultar em percepções distorcidas da realidade no. Essa limitação deve ser levada em conta ao elaborar respostas internacionais mais eficazes.

Em síntese, a dissertação comprova que o enquadramento da crise no Sudão do Sul nos meios de comunicação é marcado pela predominância das narrativas humanitária e de segurança, pela atenção jornalística intermitente e pela falta de vozes locais. Essa constatação destaca a importância de repensar a maneira como a comunicação social internacional trata crises duradouras, garantindo não só visibilidade, mas também entendimento e contextualização. Este estudo, ao identificar padrões narrativos e lacunas na cobertura, contribui para um debate mais amplo sobre a justiça informativa e como o sistema internacional cria conhecimento sobre conflitos complexos e duradouros.

Referências(

(2004). Obtido de FAO:

https://www.fao.org/fileadmin/user_upload/oed/docs/Sudan_FAO_Cooperation_2010_ER.pdf

ACNUR. (24 de julho de 2023). Obtido de ACNUR pede o fim do conflito no Sudão após 100 dias, em meio a deslocamento crescente:

<https://www.acnur.org/portugues/2023/07/24/acnur-pede-o-fim-do-conflito-no-sudao-apos-100-dias-em-meio-a-deslocamento-crescente/>

ACNUR. (8 de agosto de 2023). *ACNUR Brasil*. Obtido de acnur.org:

<https://www.acnur.org/portugues/2023/08/08/condicoes-de-saude-pioram-apos-deslocamentos-causados-pelo-conflito-no-sudao-ultrapassarem-4-milhoes/>

ACNUR. (outubro de 2024). Obtido de UNHCR ACNUR:

<https://www.acnur.org/br/emergencias/sudao>

- Ahmed, K. (7 de fevereiro de 2023). *The Guardian*. Obtido de <https://www.theguardian.com/global-development/2023/feb/07/south-sudan-failed-by-international-aid-system-as-food-crisis-intensifies?>
- BBC NEWS BRASIL. (2023). Obtido de A guerra que mata mais que a da Ucrânia: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c9wxxjpd2po>
- Braun, J. (31 de julho de 2023). *BBC Brasil*. Obtido de [bbc.com: https://www.bbc.com/portuguese/articles/c9wxxjpd2po](https://www.bbc.com/portuguese/articles/c9wxxjpd2po)
- Carvalho, É. d. (outubro de 2013). *Jornalismo de Guerra*.
- Collins, R. O. (2003). A HISTORY OF MODERN SUDAN.
- Crise alimentar agrava-se no Sudão e ONU pede financiamento de emergência*. (12 de dezembro de 2023). Obtido de Lusa, A. (n.d.), Observador : <https://observador.pt/2023/12/12/crise-alimentar-agrava-se-no-sudao-e-onu-pede-financiamento-de-emergencia/>
- D.Walsh. (17 de março de 2025). *The New York Times*. Obtido de <https://www.nytimes.com/2025/03/17/world/africa/south-sudan-war.html>
- DAC, O. (2023). Obtido de https://public.tableau.com/app/profile/thielemans.v/viz/OECDDACAidataglacebyrecipient_new/Recipients
- Dahir, a. L. (2023). *The New York Times*. Obtido de <https://www.nytimes.com/2023/09/07/world/africa/sudan-refugees-south-sudan.html>
- Deng, D. K. (2021). Land Governance and the Conflict in South Sudan.
- Editorial, E. (2020). Interações. pp. 681-684.
- Entman, R. M. (2004). *Projections of Power: Framing News, Public Opinion, and U.S. Foreign Policy*. University of Chicago Press.
- FAO. (s.d.). Obtido de The Sudan: Escalating conflict and persistent economic decline deepen food security crisis: <https://www.fao.org/newsroom/detail/the-sudan--escalating-conflict-and-persistent-economic-decline-deepen-food-security-crisis/en>
- FAO . (12 de dezembro de 2023). Obtido de <https://www.fao.org/newsroom/detail/the-sudan--escalating-conflict-and-persistent-economic-decline-deepen-food-security-crisis/en>
- FAO - Comissão Europeia. . (s.d.). Obtido de [Agriculture.ec.europa.eu.: https://agriculture.ec.europa.eu/international/international-cooperation/international-organisations/fao_pt](https://agriculture.ec.europa.eu/international/international-cooperation/international-organisations/fao_pt)
- FAO. (2020). Obtido de A FAO precisa de US \$ 350 milhões para evitar que a fome aumente, enquanto muitos países enfrentam os impactos do COVID-19: <https://www.fao.org/sao-tome-e-principe/noticias/detail-events/es/c/1278168/>
- FAO. (2025). Obtido de <https://www.fao.org/emergencies/where-we-work/SSD/en>
- FAO Regional Office for Near East and North Africa. (12 de dezembro de 2023). Obtido de The Sudan: Escalating conflict and persistent economic decline deepen food security crisis: <https://www.fao.org/newsroom/detail/the-sudan--escalating-conflict-and-persistent-economic-decline-deepen-food-security-crisis/en>
- Gilboa, E. (fevereiro de 2005). Political Communication. *The CNN Effect: The Search for a Communication Theory of International Relations*, pp. 27-44.
- Guardian, T. (29 de abril de 2014). *The Guardian*. Obtido de <https://www.theguardian.com/global-development/gallery/2014/apr/29/south-sudan-crisis-displaced-people-conflict-in-pictures?>

- Iberdrola*. (s.d.). Obtido de O que é segurança alimentar e a sua importância:
<https://www.iberdrola.com/compromisso-social/o-que-e-seguranca-alimentar>
- Jazeera, A. (25 de dezembro de 2013). Obtido de
<https://www.aljazeera.com/video/inside-story/2013/12/25/south-sudan-sliding-into-civil-war>
- Jazeera, A. (21 de abril de 2024). Obtido de <https://www.aljazeera.com/video/between-us/2024/4/21/sudans-forgotten-war>
- Jazeera, A. (2025). Over a million people flee to South Sudan as Sudan conflict grinds on – UN. *Jazeera, Al*.
- Johnson. (2003). Obtido de <https://irpj.euclid.int/articles/preventive-diplomacy-in-south-sudan-analyzing-conflict-recurrence-resolution-dynamics-and-prospects-for-early-intervention/>
- Johnson, H. F. (2016). *South Sudan: The Untold Story from Independence to Civil War*. I.B. Tauris.
- Jok, J. M. (2011). *Diversity, Unity, and Nation Building in South Sudan*. the United States Institute of Peace.
- Jones, S. (21 de maio de 2014). Obtido de The Guardian:
<https://www.theguardian.com/global-development/2014/may/12/south-sudan-food-security-crisis-famine-agencies-warn?>
- Kulish, N. (2013). *The New York Times*. Obtido de
<https://www.nytimes.com/2013/12/25/world/africa/south-sudan-crisis.html>
- Leilah Santiago Bufrem, J. L. (2018). Pesquisa Brasileira Em Ciência Da Informação E Biblioteconomia, 13. *OBSERVAÇÃO COMO TÉCNICA DE PESQUISA: ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*.
- Leonardi, R. O. (setembro de 2010). The Journal of Modern African Studies. *A History of Modern Sudan*, pp. 517-519.
- Livingston, S. (1997). PRESS POLITICS PUBLIC POLICY. *CLARIFYING THE CNN EFFECT: An Examination of Media Effects According to Type of Military Intervention*.
- Loewenstein, A. (27 de março de 2015). *The Guardian*. Obtido de
<https://www.theguardian.com/global-development/2015/mar/27/south-sudan-food-crisis-ganyiel-child-malnutrition?>
- Lusa, A. (19 de julho de 2020). *Observador*. Obtido de [observador.pt: https://observador.pt/2020/07/19/covid-19-sudao-atravesa-fome-severa-potenciada-pela-pandemia/](https://observador.pt/2020/07/19/covid-19-sudao-atravesa-fome-severa-potenciada-pela-pandemia/)
- Mamdani, M. (2009). *Saviors and Survivors: Darfur, Politics, and the War on Terror*. Pantheon Books.
- McLuhan, M. (1964). *Understanding Media: The Extensions of Man*. McGraw-Hill.
- news.un.org*. (26 de fevereiro de 2019). Obtido de Aumenta número de pessoas com insegurança alimentar no Sudão do Sul:
<https://news.un.org/pt/story/2019/02/1661712>
- news.un.org*. (18 de maio de 2020). Obtido de FAO pede US\$ 350 milhões para evitar aumento da fome durante pandemia :
<https://news.un.org/pt/story/2020/05/1713932>
- Observador*. (19 de julho de 2020). Obtido de Covid-19. Sudão atravessa fome severa potenciada pela pandemia: <https://observador.pt/2020/07/19/covid-19-sudao-atravesa-fome-severa-potenciada-pela-pandemia/>
- OCHA. (setembro de 2017). OCHA. *How to Use Social Media to Better Engage People Affected by Crises*.

- ONU. (31 de julho de 2014). *ONU News*. Obtido de news.un.org:
<https://news.un.org/pt/story/2014/07/1481171>
- ONU. (11 de junho de 2015). *ONU News*. Obtido de news.un.org:
<https://news.un.org/pt/story/2015/06/1515031>
- ONU. (1 de maio de 2023). *ONU*. Obtido de news.un.org.
- Operations, E. C. (2019). Obtido de https://civil-protection-humanitarian-aid.ec.europa.eu/where/africa/south-sudan_en
- Parreira, E. (13 de março de 2024). *Expresso*. Obtido de Expresso:
<https://expresso.pt/internacional/africa/2024-03-13-ONU-diz-que-guerra-no-Sudao-empurra-o-pais-para-a-maior-crise-de-fome-do-mundo-2457a59c>
- Penteado, J. R. (2012). *A Técnica da Comunicação Humana*. São Paulo: Cengage Learning.
- Philo, C. H. (2013). Journal of Social and Political Psychology. *The Role of the Media in the Construction of Public Belief and Social Change*, pp. 321-336.
- Protecting livestock of internally displaced families in Sudan*. (11 de março de 2019). Obtido de Food and Agriculture Organization of the United Nations.:
<https://www.fao.org/in-action/protecting-livestock-of-internally-displaced-families-in-sudan/en/>
- Rjatalo, K. (2013). *Farming South Sudan : The portrayal of South Sudan in international news*.
- SBCC. (2021). *Health Communication Capacity Collaborative*. Obtido de Social and Behavior Change Communication Implementation Kits:
<https://sbccimplementationkits.org/>
- Service, F. T. (2025). *South Sudan 2024*. Obtido de
<https://fts.unocha.org/countries/211/summary/2024>
- Stedman, S. J. (17 de maio de 2022). *International Actors and Internal Conflicts*.
- Thussu, D. K. (junho de 2003). *Media, War & Conflict. Live TV and Bloodless Deaths: War, Infotainment and 24/7 News*, pp. 117-132.
- UNHCR. (2017). *Communication with Communities: Walking the Talk*.
- UNHCR. (12 de Novembro de 2024). Obtido de ACNUR:
<https://www.acnur.org/br/noticias/comunicados-imprensa/relatorio-do-acnur-revela-que-mudancas-climaticas-sao-uma-ameaca>
- UNHCR ACNUR. (4 de Setembro de 2023). Obtido de ACNUR:
<https://www.acnur.org/br/noticias/comunicados-imprensa/e-necessario-us-1-bilhao-para-apoiar-milhoes-de-pessoas-que-fogem-do>
- Wallensteen, P. (2002). *Understanding conflict resolution : war, peace, and the global system*.
- Young, J. (2006). *The South Sudan Defence Forces in the Wake of the Juba Declaration*.